

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

FABINE LIMA DE SANTANA

**O ESPORTE ADAPTADO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO PARA ALUNOS
COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS AULAS ESPORTIVAS NO ÂMBITO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação Física, Curso de Licenciatura, Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Renato Izidoro da Silva

SÃO CRISTÓVÃO

2018

FABINE LIMA DE SANTANA

**O ESPORTE ADAPTADO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO PARA ALUNOS
COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS AULAS ESPORTIVAS NO ÂMBITO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação Física, Curso de Licenciatura, Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Renato Izidoro da Silva

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Renato Izidoro da Silva
(orientador)
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Jr.
Universidade Federal de Sergipe

Profª. Dr. Cae Rodrigues
Universidade Federal de Sergipe

São Cristóvão, ____ de agosto de 2018.

Dedico esse trabalho a duas pessoas que são tudo na minha vida: meus pais Maria Valcira e Antônio, sem eles nada disso seria possível, sem eles não teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a meu bom Deus, que me deu saúde e força para chegar até aqui, agradeço também as duas pessoas mais importante da minha vida, meus pais Maria Valcira e Antonio que confiaram em mim, e que me incentivaram a chegar até aqui, sem eles nada disso teria valor, agradeço a meus irmãos, Fabiana e Fabio que sempre acreditaram em mim, e mesmo de longe passaram energias positivas, aos meus sobrinhos Gutierrez, Raissa, Hilary e Rhiana pelo amor transmitido durante a minha jornada, a Ayana meus sinceros agradecimentos por estar sempre do meu lado me apoiando e me aturando, agradeço também ao meu amigo Tiago e todos os outros que direta ou indiretamente estiveram comigo, aos meus professores pela paciência e pela dedicação, em especial, ao meu professor Hamilcar e Cae e, principalmente, ao meu orientador Professor Renato Izidoro que esteve comigo nessa minha caminhada, passando seus conhecimentos e tendo muita paciência.

Enfim, agradeço a todos que de uma forma ou de outra torceram por me e que estiveram presente nesse momento tão importante da minha vida.

“Cada dia que amanhece assemelha-se a uma página em branco, na qual gravamos os nossos pensamentos, ações e atitudes. Na essência, cada dia é a preparação de nosso próprio amanhã.” Chico Xavier

SANTANA, Fabine Lima de. **O ESPORTE ADAPTADO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS AULAS ESPORTIVAS NO ÂMBITO ESCOLAR**. Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

RESUMO

A inclusão escolar, de acordo com o esclarecimento feito pela Declaração de Salamanca, deixa bem nítido que cada estudante é único e mesmo que apresente uma deficiência ele tem garantia à educação, tendo como finalidade fazer da inclusão uma prática para lutar contra a discriminação, proporcionando, desse modo, um ambiente educacional mais acolhedor para todos os alunos deficientes. Sendo assim, a prática da atividade física, em níveis variados, tem ajudado pessoas com deficiência a adquirir não só maior mobilidade, mas também resgatam sua autoestima, e equilíbrio emocional. Mesmo deficientes físicos com mobilidade muito reduzida podem praticar esportes, sob a tutela de profissionais qualificados. Com base nas novas expectativas que estão sendo dada a Educação Física e aos profissionais da área que desenvolvem atividades nas escolas, tendo como compromisso o processo de inclusão de alunos com deficiência física no ensino regular, constata-se que a participação efetiva de tais alunos tem fomentado discussões entre os professores, no que diz respeito à falta de preparo ou a falta de capacitação no atendimento dos alunos com deficiência, o que acaba justificando avanço que não vem sendo dada, significativamente, a inclusão dos alunos deficientes nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, o presente estudo teve como finalidade conhecer sobre as abordagens dadas ao esporte adaptado na Educação Física Escolar, analisando como as produções científicas discorrem e analisam a temática do processo de inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física do ensino regular. Para a realização da pesquisa, o procedimento metodológico consistiu num levantamento bibliográfico de cunho descritivo, a fim analisar como os autores discorrem sobre a temática da inclusão de alunos deficientes nas aulas de educação física no ambiente escolar. Além disso, a pesquisa foi realizada tendo como trabalho de campo empírico a realização de uma busca de coleta de dados, selecionando trabalhos que abordem a temática proposta, buscando em revistas especializadas sobre a Educação Física, onde foram encontrados nove resumos coletados na Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada, antiga Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA), em anais do evento da revista, “Congresso Brasileiro de Atividade Motora Adaptada”. A partir disso, com base na análise dos resumos, como resultados, constatamos que as práticas esportivas adaptadas como ferramenta pedagógica facilita a participação de alunos com deficiência em seus diversos aspectos nas turmas inclusivas, porém isso tem sido ainda muito pouco explorado, por parte de alguns professores. Com isso, conclui-se que a inclusão de alunos com deficiência física nas aulas de educação física continuará sendo de modo gradativo e lento, enquanto os profissionais da área não tiverem um real comprometimento, dando oportunidades para estes discentes vivenciarem a prática esportiva, flexibilizando as aulas, e fazendo com que o processo inclusivo de fato aconteça.

Palavras-chave: educação inclusiva, esporte adaptado, deficiência física, Educação Física, educação escolar.

SANTANA, Fabine Lima de. **O ESPORTE ADAPTADO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS AULAS ESPORTIVAS NO ÂMBITO ESCOLAR**. Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

ABSTRACT

The inclusion of schools, according to the clarification made by the Declaration of Salamanca, makes it very clear that each student is odd and even if he has a disability he has a guarantee of education, with the purpose of making inclusion a practice to fight against discrimination, , thus providing a more welcoming educational environment for all disabled students. Thus, the practice of physical activity, at varying levels, has helped people with disabilities not only acquire greater mobility, but also rescue their self-esteem, and emotional balance. Even physically handicapped people with very limited mobility can practice sports under the tutelage of qualified professionals. Based on the new expectations that are being given to physical education and the professionals of the area who carry out activities in the schools, having as commitment the process of inclusion of students with physical disabilities in regular education, it is verified that the effective participation of such students has fomented discussions among teachers regarding the lack of preparation or lack of training in the care of students with disabilities, which ends up justifying progress that has not been significantly given to the inclusion of disabled students in physical education classes. In this sense, the present study had as purpose to know about the approaches given to the adapted sport in Physical School Education, analyzing how the scientific productions discuss and analyze the thematic of the process of inclusion of students with disabilities in the classes of physical education of regular education. In order to carry out the research, the methodological procedure consisted of a descriptive bibliographical survey, in order to analyze how the authors discuss the theme of inclusion of disabled students in physical education classes in the school environment, in addition, the research was carried out with field work to carry out a search for data collection, selecting works that approach the proposed theme, searching in specialized magazines on physical education, where nine abstracts were found collected in the Brazilian Association of Adapted Motor Activity; former Brazilian Society of Adapted Motor Activity (SOBAMA), in annals of the event "Brazilian Congress of Adapted Motor Activity". Based on the analysis of the summaries, as results, we verified that the adapted sports practices as a pedagogical tool allows the participation of students with disabilities in their various aspects in the inclusive classes, but this has not yet been explored by some teachers. With this, it is concluded that the inclusion of students with physical disabilities in physical education classes will continue to be gradual and slow, while professionals in the area do not have a real commitment giving opportunities for these students to experience sports, making classes flexible and making the inclusive process in fact happen.

Keywords: inclusive education, adapted sport, physical disability, physical education, school education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Informações técnicas da amostra de resumos organizados em ordem numérica	34
Quadro 2	Panorama das pesquisas sobre esporte adaptado	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	JUSTIFICATIVA	12
3	REVISÃO DE LITERATURA: A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O ESPORTE INCLUSIVO	14
3.1	A reforma curricular para atender pessoas com deficiência	18
3.2	A formação dos professores de educação física em busca da inclusão	21
3.3	Educação Física e seus objetivos gerais	27
4	ESPORTE ADAPTADO SEGUNDO A LITERATURA ACADÊMICA ESPECIALIZADA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	31
4.1	Metodologia bibliográfica	31
5	ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA: PANORAMA DAS PESQUISAS SOBRE ESPORTE ADAPTADO	40
5.1	Reflexão sintética sobre os dados	48
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

Esta monografia teve como objeto de estudo o Esporte Adaptado na Educação Física Escolar no âmbito da produção acadêmica da área da Educação Física, buscando as produções científicas que tivessem uma restrita relação ao tema proposto. Dessa maneira, objetivamos conhecer as abordagens sobre o assunto mediante a identificação de padrões científicos que orientem a construção de diferentes conjuntos categoriais, a fim de agrupar as produções segundo seus referenciais teóricos-metodológicos, bem como seus temas periféricos associados à matéria principal deste trabalho.

Especificamente, pretendemos os seguintes objetivos: a) refletir sobre a relevância do presente estudo (Capítulo 2 – justificativa); b) realizar uma revisão teórico-conceitual sobre o esporte adaptado e o trabalho da educação física escolar visando categorias de análise (Capítulo 3 – Referencial teórico-metodológico); c) construir uma metodologia de estudo bibliográfico envolvendo seleção de fontes e coleta e análise dos dados (Capítulo 4); d) analisar os textos segundo as categorias apresentadas sobre o esporte adaptado no ambiente escolar (Capítulo 5 – Análise dos dados); e) discutir os dados analisados em termos de produzir um olhar sintético da realidade bibliográfica em pauta (Capítulo 6).

Para tanto, realizamos um estudo de Revisão Bibliográfica restrito as publicações realizadas pela Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada; antiga Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA). Essa entidade possui um site na internet em que registra inúmeras de suas atividades. Procedendo com uma busca sistemática, a ser detalhada no capítulo metodológico, atingimos uma amostra de 9 trabalhos dentre monografias produzidos no âmbito do curso de graduação da Educação Física (artigos, relatórios e monografias) da SOBAMA.

Com isso, esta monografia está planejada conforme seis capítulos, incluindo esta introdução, mais as considerações finais e as referências bibliográficas. Podemos adiantar que no segundo capítulo, nossa justifica, aponta que a relevância do trabalho se sustenta na medida em que se pretendeu investigar como os professores de educação física lidam com os alunos com deficiência em suas aulas e como acontece a inclusão desses alunos nas aulas de educação física, uma vez que, atualmente, o processo de inclusão de alunos deficientes nas aulas esportivas escolares se faz necessário devido às novas políticas educacionais.

O capítulo três apresenta uma revisão teórico-conceitual sobre o desenvolvimento motor e o trabalho da educação física escolar visando categorias de análise. Nele podemos destacar que o desenvolvimento motor pode ser definido como a execução de atividades

físicas que traga benefícios que visem o bem-estar do praticante, contribuindo para o melhoramento físico/motor e da sua saúde como um todo, bem como pode ser decomposto nas seguintes categorias: aprendizagem, controle corporal, maturação e crescimento motor e cognitivo.

No capítulo da metodologia de estudo bibliográfico preparamos os procedimentos técnicos e instrumentais para a realização de três situações metódicas: a) seleção de fontes; b) coleta dos dados oferecidos pelas fontes; c) análise dos dados, segundo as categorias oferecidas pelo referencial teórico-conceitual. A seleção das fontes envolveu autores conceituados da área da educação, educação física que retratam sobre a temática proposta, o esporte adaptado e a inclusão de alunos deficientes nas aulas esportivas escolares, enquanto a coleta de dados foi realizada, basicamente, por meio de leituras e fichamentos de trabalhos publicados em revistas e anais especializados da área da Educação Física e a análise foi possível graças a um quadro categorial preenchido mediante a leitura intencional dos textos.

Em nossa análise foi revelado que os textos destacam, como principais aspectos teóricos e pedagógicos relacionados ao desenvolvimento motor no ambiente escolar, que os alunos com deficiência física ainda encontram alguns obstáculos que fazem com a sua efetiva participação nas aulas de educação física ocorra de modo gradativo e superficial, necessitando, assim, que as escolas e os educadores de educação física se preparem e se qualifiquem melhor para poder dar um atendimento de qualidade para esses alunos especiais.

Nesse sentido, compreendemos, pelo exercício de discussão dos dados analisados, que a realidade bibliográfica em pauta pode ser sinteticamente classificada pela seguinte compreensão: ainda há barreiras a serem quebradas para que a inclusão do esporte adaptado para alunos com deficiência física no âmbito escolar de fato aconteça.

Por fim, nossas considerações finais constataram que os objetivos foram cumpridos na medida em que a pesquisa se mostrou como sendo de extrema relevância porque aborda um tema ainda pouco discutido como pôde ser visto durante a realização da coleta de dados para análise; a base conceitual da pesquisa evidenciou a existência de avanços significativos no que se refere a inclusão de alunos com deficiência nas aulas esportivas, mas muito ainda precisa de ser feito para que o esporte adaptado seja uma realidade palpável nos ambientes escolares como um todo, e não somente em uma minoria; os procedimentos metodológicos atingiram as expectativas, uma vez que após as consultas mais específicas pudemos encontrar subsídios para concretizar o trabalho; a análise dos dados proporcionou realizar a seleção das fontes de maneira categórica, contribuindo significativamente para a propositura do trabalho.

2 JUSTIFICATIVA

A escolha deste tema se deu devido à participação e observação de um estágio supervisionado, onde eu via que havia alguns alunos portadores de deficiência física na escola, contudo observei que eles não participavam ativamente das aulas de Educação Física, ficando somente assistindo as aulas de longe. Daí, passei a perguntar o motivo e constatei que os profissionais envolvidos não possuíam a qualificação desejada para dar assistência a estes alunos. Com isso, achei interessante realizar este estudo para averiguar como a literatura especializada da área retrata uma questão tão importante quanto à prática esportiva escolar para estudantes portadores de necessidades especiais.

A deficiência física se refere ao comprometimento do aparelho locomotor que envolve o sistema ósteo-articular, o sistema muscular e o sistema nervoso. Os problemas que afetam esses sistemas, independentemente quais sejam, podem provocar algumas incapacidades físicas que podem apresentar diversas variações, conforme a parte do corpo que foi afetada e o tipo de lesão sofrida (SCHIRMER; BROWNING; BERSCH; MACHADO, 2007). Ainda como definição para deficiência física o Ministério da Educação (MEC) apresenta as diversas condições motoras que atingem os indivíduos prejudicando, assim, a sua locomoção, a coordenação motora como um todo e fala, em decorrência de lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas, ou más formações congênitas ou adquiridas (BRASIL, 2006).

Quando pensamos a deficiência física no contexto social vemos como o discurso da inclusão ainda esta distante de se transformar em prática, visto que a realidade ainda é de exclusão e preconceito. Ao localizarmos tal debate na realidade do nosso país, observamos um quadro ainda mais problemático, onde simples vagas de estacionamento não são respeitadas e o deficiente, de uma forma geral, é visto como um “fardo” a ser carregado, transferindo toda e qualquer responsabilidade para o Estado, excluindo a sociedade civil de seu papel humanitário. Movimentos nacionais e internacionais têm buscado um consenso para organizar uma política de inclusão de pessoas com deficiência física na escola regular e na prática de esporte dentro da escola. A literatura e a história do homem refletem esse pensar discriminatório, uma vez que é mais simples prestar atenção aos impedimentos e às aparências do que aos potenciais e capacidades dessas pessoas com deficiência.

Nas últimas décadas, atuações de professores e de pais promoveram e implementaram a inclusão, nas unidades de ensino, de crianças e jovens que tenham alguma deficiência ou necessidade especial. Sendo assim, movimentos nacionais e internacionais foram a procura do consentimento para a organização de uma política de integração e de educação que tenha

como pressuposto a inclusão, tendo como culminância a Conferência Mundial de Educação Especial, a qual teve a participação de 88 países e 25 instituições internacionais, em Salamanca, na Espanha, realizada em junho de 1994 (SCHIRMER; BROWNING; BERSCH; MACHADO, 2007).

A inclusão escolar, esclarecida pela Declaração de Salamanca, deixa bem nítido que cada estudante é único e mesmo que apresente uma deficiência ele tem garantia à educação, tendo como finalidade fazer da inclusão uma prática para lutar contra a discriminação, proporcionando, desse modo, um ambiente educacional mais acolhedor para todos os alunos deficientes (SCHIRMER; BROWNING; BERSCH; MACHADO, 2007).

Desse modo, o Professor de Educação Física acaba assumindo um papel de suma relevância, visto que ele pode desempenhar a função de mediador da criança que tenha deficiência com a sociedade de um modo geral, auxiliando no modo de sua relação interpessoal com outras pessoas. É muito importante que uma pessoa com deficiência seja reconhecida socialmente, não obstante percebe-se que atuações necessitam ainda acontecerem de modo mais efetivo, tanto social como governamentalmente. Dessa maneira, a área da Educação Física vem passando a ter ainda mais interesse e observando a sua real relevância para fazer com que a inclusão de crianças com deficiência nas aulas esportivas de fato aconteça.

A atividade física, em níveis variados, tem ajudado pessoas com deficiência a adquirir não só maior mobilidade, mas também resgatam sua autoestima, e equilíbrio emocional. Mesmo deficientes físicos com mobilidade muito reduzida podem praticar esportes, sob a tutela de profissionais qualificados. “Na escola, pressupomos, conceitualmente, que todos sem exceção, devem participar da vida acadêmica, em escolas ditas comuns e nas classes ditas regulares onde deve ser desenvolvido o trabalho pedagógico que sirva a todos” (EDLER CARVALHO, 1998, p.170).

Nesse sentido, o presente estudo teve como finalidade investigar como é feita a preparação dos professores de educação física para lidar com os alunos com deficiência física, e ainda conhecer como ocorre a inclusão dos mesmos nas aulas de educação física, bem como também analisar as condições das escolas para receber tais alunos com deficiência e quais são os desafios postos pela política de inclusão, aos profissionais de educação física escolar. Como problemática da questão, temos o seguinte questionamento: Como é realizado o processo de inclusão de alunos com deficiência física nas aulas de educação física na escola?

3 REVISÃO DE LITERATURA: A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O ESPORTE INCLUSIVO

O presente estudo não seguiu nenhuma corrente teórica específica, abordando, assim, os referenciais citados abaixo sobre um panorama aberto, deixando o aspecto conceitual da pesquisa mais abrangente, mas também ele fica sujeito a contradições conceituais.

No século XXI, a educação física no âmbito educacional passou a ser rodeada por um debate o qual teve seu começo por volta dos de 1980, ocupando cada vez mais um espaço, até os dias de hoje, significativo nas discussões de cunho científico na área da Educação e da Educação Física, que é o esporte como competição no ambiente escolar. Tais debates em volta desse assunto têm a finalidade de direcionar o esporte como conteúdo curricular caracterizando-se como uma prática que incide na repetição impensada de movimentos técnicos e formais arraigados no esporte de rendimento, deixando, assim, de ser uma prática esportiva destinada à educação e à formação dos alunos em relação ao desenvolvimento de uma consciência corporal.

Por outro lado, Bracht et. al. (2002), considerado um dos autores que defendem o ponto de vista sobre o esporte destinado à educação do movimento, sustenta em sua linha de pensamento que a prática esportiva, como uma atividade escolar, deve estar atrelada ao projeto político-pedagógico da unidade de ensino como um modo de manifestação cultural que venha a ser embutida de significação para os discentes, a qual será alcançada caso seja fornecida a oportunidade desse esporte ser reinventado, reconstruído, recriado e adaptado.

Para Bracht (1992) o esporte desenvolvido na escola, denominado pelo autor como “esporte na escola”, diz respeito à exposição do conjunto de disposições os quais seriam o âmago do esporte destinado para a competição, bem como o rendimento atlético do praticante e a competitividade. Em contrapartida, o “esporte da escola”, intitulado também pelo mesmo autor, fundamenta-se em princípios os quais ultrapassam o individualismo dos sujeitos, uma vez que o esporte é visto como um elemento produtor da interação e da solidariedade entre os indivíduos, o que acaba ajudando na resolução de problemas, tendo como base fundamental a coletividade dos membros participantes. Nessa perspectiva, estudiosos como Kunz (1995), Bracht (1996, 2000), Caparroz (2005) destacaram que deve ser necessário reavaliar a prática esportiva no ambiente escolar, fazendo com que as intenções de seu emprego sejam baseadas nos fundamentos da democratização, tendo como objetivo a formação do cidadão crítico em relação ao contexto sociocultural onde vive.

A partir da divulgação da Carta Internacional de Educação Física e Esportes, declaração elaborada pela UNESCO (TUBINO, 1992), no começo dos anos de 1980, o

esporte sofreu uma modificação, deixando de ser somente um esporte de rendimento, passando, assim, também para o esporte mais participativo, voltado para a pessoa comum, e o esporte educativo destinado para crianças e jovens. “Uma notação coreográfica parece ser a forma mais completa de representar uma sequência de movimentos: a maneira mais original de representação, sem intervenções ou influências externas; a obra exata, como o autor originalmente a criou.” Revista Movimento Porto Alegre, setembro/dezembro de 2007. p 203

Desse modo, esse novo conceito de esporte, a partir do pressuposto do direito de todas as práticas esportivas, passou a contar na sua renovada abrangência com as seguintes manifestações distintas e inter-atuantes: (a) manifestação esporte-performance, objetivando rendimento, numa estrutura formal e institucionalizada; (b) manifestação esporte-participação, visando o bem-estar para todas as pessoas, praticada voluntariamente e com conexões com os movimentos de educação permanente e com a saúde; (c) manifestação esporte-educação, com objetivos claros de formação, norteadas por princípios sócio-educativos, preparando seus praticantes para a cidadania e para o lazer (TUBINO, 1992, p. 133).

Como se pode constatar na citação acima, as dimensões esportivas destacadas procuravam amenizar os impactos deixados pela prática de ensino calcada na atividade de esporte voltada para a competitividade de modo exagerado. Segundo Kunz (1994), o que se buscava era enfatizar a importância de uma modificação pedagógica e didática do esporte, quer dizer, promover uma prática esportiva voltada para a formação dos alunos, em diversificados aspectos, procurando desenvolver uma nova prática pedagógica no ambiente educacional. Em relação à transformação do esporte escolar, Bracht (2000, p. 19) nos destaca que

[...] o esporte tratado e privilegiado na escola pode ser aquele que atribui um significado menos central ao rendimento e à competição, e procura permitir aos educandos vivenciar também formas de prática esportiva que privilegiem antes o rendimento possível a cooperação..

Nesse contexto, o que se pretendia defender não era a negação do esporte, e sim tratá-lo pedagogicamente.

Alguns anos depois das primeiras ações destinadas para o esporte dentro da escola, alguns avanços podem ser vistos no ambiente educacional. Tais avanços resultaram em modificações tanto na área da educação física quanto nas mudanças sociais oriundas da procura por uma mais sociedade mais justa para todos e menos excludente. Nos dias de hoje, são preconizados valores como respeito à diversidade, cooperação entre os indivíduos e a inclusão, questões estas que estão ganhando um papel importante não só em práticas esportivas como também educacionais. Sendo assim, um avanço que pode ser constatado

como sendo uma coisa a disposição de todos se refere ao esporte adaptado para ser praticado por crianças e jovens que tenham alguma deficiência.

No âmbito escolar o esporte adaptado voltado para o atendimento educacional tem como objetivos a inclusão de crianças e jovens com alguma deficiência nas aulas de educação física. Dessa maneira, as atividades físicas para esses alunos devem ser construídas tendo uma metodologia que dê valor e respeite as necessidades dos alunos, fazendo com que as experiências vivenciadas por eles sejam potencializadas e que as suas habilidades fiquem sempre em evidência, fazendo com que as suas limitações causadas pela deficiência não sejam um problema para o desenvolvimento das atividades.

Nesse contexto, Rodrigues (2006), ao pensar nos cuidados que o professor de educação física deve possuir ao planejar suas aulas, enfatiza que não deve ser pensado somente nos modelos competitivos enraizados no esporte de competição, e sim pensar também nos alunos com deficiência para fazer com que possa ser incentivada a sua participação e permanência desses estudantes nas atividades de educação física na escola.

Assim sendo, é importante que os professores de educação física adaptada ajudem os alunos a desenvolver imagens corporais e autoconceitos positivos, a fim de ficarem intrinsecamente motivados para mostrar todo o seu potencial na educação física e nos esportes (WINNICK, 2004, p. 87).

Com isso, observa-se que um dos principais desafios no estabelecimento da educação física inclusiva é o planejamento de currículos diferenciados, apresentando conteúdos e metodologias que possibilitem a inclusão de alunos com deficiência física, uma vez que, é importante destacar que a não construção de um currículo para tal finalidade pode vir a ser considerado como um impedimento da inclusão dos alunos com deficiência.

Em relação à relevância de se estabelecer currículos distintos para as turmas que tenham discentes com deficiência, Munster e Almeida (2006, p. 84) dizem que “o currículo diferencial pode ser instaurado mediante constituição de pequenos grupos, criação de classes especiais, individualização ou personalização do ensino, entre outros métodos”.

Desse modo, o processo de criação de um currículo pedagógico tendo em vista à inclusão de alunos com deficiência física deve ser organizado seguindo o que foi proposto pela American Association for Active Lifestyles and Fitness (AAALF, 2004), sendo assim, deve ter como fundamento conhecimentos sobre o contingente de alunos nas turmas, classificação dos estudantes que possuem ou não deficiência, pessoas para dar suporte e apoio, materiais que sirvam para dar assistência aos alunos, entre outros aspectos importantes para incluir os alunos das aulas de educação física.

A realidade é que inúmeros fatores podem afetar o sucesso da inclusão na educação física, tais como a motivação do professor e suas habilidades, a equipe de profissionais, e econômicos. [...] Portanto, cabe a todos os professores, administradores e profissionais de educação física para trabalhar incansavelmente para reduzir os efeitos negativos destas barreiras, a fim de que todos os alunos com deficiência possam participar com qualidade em um programa de educação física (AAALF, 2004, p. 4).

Consoante Munster e Almeida (2006, p. 85), a criação de um currículo voltado para o atendimento de discentes que apresentem uma deficiência pode ser estabelecido tendo como base quatro diferenciações, são elas:

- Currículo único: alunos que apresentam ou não deficiência participam das mesmas atividades curriculares.
- Currículo em níveis diferenciados: todos os alunos desenvolvem as mesmas unidades temáticas constituintes do currículo, porém com objetivos e níveis distintos, conforme as necessidades apresentadas.
- Currículo com sobreposição: um grupo de alunos desenvolve as mesmas unidades temáticas, mas pratica atividades diferentes ou adaptadas.
- Currículo alternativo: são oferecidas atividades alternativas.

Segundo o nível de envolvimento do sujeito que tenha necessidades educacionais especiais, a harmonização do currículo deve se tornar uma coisa necessária a partir do momento que se almeja atender os estudantes que apresentam os mais diversificados graus de desenvoltura. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), essas adaptações podem ser caracterizadas como não significativas, ou de pequena dimensão, como o uso de materiais adequados às necessidades do discente, por exemplo, passar detalhes meticulosamente da atividade física quando a mesma for muito difícil de entender para um aluno que tenha déficit cognitivo. Por outro lado, a adaptação pode ser significativa, ou de grande dimensão, por exemplo, quando ocorre a inserção de critérios mais específicos de avaliação ou pela troca de um conteúdo por outro de fácil entendimento.

O modo de como o currículo será utilizado fica em função do projeto pedagógico da unidade de ensino, que tem o papel de escolher a prática que ela irá adotar. Por sua vez, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) preconizam que o projeto pedagógico, que diz respeito à educação física, deve levar em consideração as seguintes configurações:

- a atitude favorável da escola para diversificar e flexibilizar o processo de ensino-aprendizagem, de modo a atender às diferenças individuais dos alunos;
- a identificação das necessidades educacionais especiais para justificar a priorização de recursos e meios favoráveis à sua educação;
- a adoção de currículos abertos e propostas curriculares diversificadas, em lugar de uma concepção uniforme e homogeneizadora de currículo;

- a flexibilidade quanto à organização e ao funcionamento da escola, para atender à demanda diversificada dos alunos;
- a possibilidade de incluir professores especializados, serviços de apoio e outros, não convencionais, para favorecer o processo educacional (BRASIL, 1998, p. 32).

Nesse sentido, cabe ressaltar a relevância das compreensões de desenvolver práticas pedagógicas destinadas para uma educação física voltada para a inclusão, sendo assim, para Mauerberg-de-Castro (2005, p. 420), é de suma importância que aconteça a concretização de projetos educacionais que tenham esta proposta, visto que,

se um programa não se materializa (em seu sucesso) então não há ação pedagógica, tampouco educador. Mas um programa sem uma filosofia ou abordagem teórica é mera lista de instrução sem significado maior para as partes envolvidas no processo de mudança.

Como se pode observar no exposto acima, pode-se dizer que, tanto a escola quanto a matéria de educação física, devem implementar e estruturar um ensino que vise o atendimento das exposições que envolvem a educação inclusiva. Com isso, deve haver intervenções no processo de formação do profissional da área não só inicial como também continuamente, criação de um currículo escolar mais maleável, materiais pedagógicos adaptados, bem como adequação necessária no âmbito escolar para atender aos alunos especiais.

3.1 A reforma curricular para atender pessoas com deficiência

A educação física como ciência tem o corpo humano como objeto de estudo, dessa forma, via-se necessário que ela proporcionasse uma excelente formação para os futuros profissionais da área, qualificando estes para ingressarem no mercado de trabalho. Sendo assim, constatou-se a necessidade da reformulação dos currículos do curso de educação física, com o objetivo de ampliar sua cosmovisão compreendendo outras formas esportivas além da prática do esporte como rendimento técnico, passando a entender o corpo como ferramenta de expressão e manifestação. Conforme Manoel e Tani (1999, p. 13), a criação de uma nova grade curricular implica:

uma filosofia acerca dessa preparação e depende, antes de mais nada, de uma clara definição do perfil profissional da pessoa que se quer formar. Esse perfil, por sua vez, está intimamente relacionado às necessidades sociais e às características de mercado de trabalho que são muito dinâmicas. A preparação profissional depende também do nível de maturidade acadêmica da área, ou seja, dos conhecimentos disponíveis para serem transmitidos a

futuros profissionais, além da qualidade do corpo docente que tem a responsabilidade de difundi-los.

Nesse sentido, como medida de preparar mais adequadamente o profissional da educação física às novas demandas do mercado de trabalho, uma nova grade curricular estava sendo reformulada a partir da Resolução n.º 69/69, a qual regulamentou a profissão criando uma licenciatura exclusiva para a educação física e técnico de desportos.

Conforme foi mencionado anteriormente, a educação física em seu início se edificou como uma disciplina escolar que excluía de sua atividade os alunos que mais necessitavam dela, os alunos que tinham necessidades especiais, visto que trabalhava somente com o movimento corporal como algo sem contexto e longe de sua realidade e possibilidades. Por outro lado, as mudanças que ocorreram na grade curricular almejavam:

[...] encontrar um conceito de movimento que corresponda às metas e condições da Educação Física escolar, desenvolvendo interpretações de movimento individualmente significativas e vantajosas, e que, simultaneamente, sejam capazes de fornecer orientações para a prática do ensino fundada na pedagogia do movimento (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2004, p. 78).

Com isso, a nova estrutura curricular passou a atender práticas voltadas aos novos delineamentos da área da educação física contendo disciplinas direcionadas para educação física e o esporte especial destinado para pessoas portadoras de deficiência física, visual, mental, auditiva ou múltipla.

Nesse contexto, pretendia-se com essa mudança curricular reproduzir uma abordagem mais humana na compreensão e no redirecionamento do movimento corporal nas aulas praticadas no ambiente escolar ou as desenvolvidas em lugares de lazer e recreação. Com essa nova concepção de valorização e reconhecimento do movimento corporal partindo da diversidade sociocultural, as intervenções devem partir em busca de uma movimentação do corpo que envolva as necessidades do indivíduo e as características peculiares, tendo como finalidade a sua potencialidade corporal, questão que se confere ao aluno com deficiência física.

Nessa perspectiva, ao abordar a questão da educação inclusiva nas escolas, tem-se o intuito de destacar a presença de uma intervenção para fazer com que seja possível o atendimento desse novo paradigma da educação, sendo ele vislumbrado na desconstrução de valores homogênicos do ensino da educação física voltado somente para o rendimento do

corpo. Com isso, busca-se reconstruir a educação física pautando a mesma para a diversidade dos indivíduos incorporando atividades que não sejam restritivas.

Partindo desse pressuposto, as aulas de educação física que tenham um viés para desenvolver atividades com adaptação para os alunos devem ter um direcionamento e uma abordagem que proporcionem o aumento da qualidade de vida dos alunos e a quantidade das experiências motoras dos mesmos. Sendo assim, os profissionais da educação física em um determinado ambiente escolar devem auxiliar seus alunos minimizar os problemas psicomotores, os quais impedem e limitam a coordenação motora. Uma vez que, algumas dessas dificuldades podem estar associadas às deficiências, porém outros podem estar atrelados ao local que convive e ao modo de vida do sujeito (SHERRIL, 1993).

Em relação práticas interventivas da educação física, Winnick (2004, p. 4) menciona que a:

Educação Física Adaptada [grifo do autor] designa um programa individualizado de aptidão física e motora, habilidades e padrões motores fundamentais de esportes aquáticos e dança, além de jogos e esportes individuais e coletivos; um programa elaborado para suprir as necessidades especiais dos indivíduos.

De acordo com o trecho acima, pode-se observar que a educação física adaptada busca utilizar os métodos da educação física tradicional, mas adaptando as atividades para atender as necessidades e especificidades dos discentes. Sendo assim, o educador físico deve dentro da escola adaptar suas aulas com a finalidade de garantir a participação efetiva de todos os estudantes sem restrição. Dessa maneira, as aulas esportivas adaptadas buscam dar oportunidade da efetiva participação dos estudantes com alguma deficiência física, mas sempre levando em consideração o grau de habilidades, aptidão e desenvolvimento do discente, a fim de que o mesmo se motive em busca de uma recuperação e poder superar os obstáculos enfrentados pela sua deficiência. Partindo dessa premissa, segundo Winnick (2004, p. 87), “para cumprir metas da área afetiva na educação física, os alunos têm que se sentir bem consigo mesmos. Os professores têm um papel importante nesse aspecto”.

Para tanto, o profissional da educação física deve possuir uma formação continuada para poder desempenhar suas atividades tendo como pressuposto a educação física adaptada, agregando valores sociais e éticos, além de conhecimento técnico e competências profissionais para poder atender a essa realidade educativa que é preparar aulas para toda a diversidade de indivíduos, sejam eles sem deficiência ou com ela, a fim de fazer com que os alunos com

deficiência física se sintam incluídos e inseridos nas modalidades das aulas de educação física no ambiente escolar.

3.2 A formação dos professores de educação física em busca da inclusão

Quando a questão é o assunto da inclusão de modo efetivo de discentes que possuem necessidades especiais nas aulas de educação física, devem entrar em evidência aspectos relacionados à formação dos professores e à relação desta formação com a qualidade do trabalho desenvolvido por estes educadores. Dessa forma, Zulian e Freitas (2001) destacam que tanto à formação quanto à qualificação dos profissionais da área da educação física devem ter competências que sejam capazes de proporcionar uma educação com qualidade, como sendo um dos principais aspectos relacionados à educação inclusiva.

Como se sabe, ao longo de alguns anos, alunos com alguma deficiência física tem ingressado de modo considerável nas escolas, fazendo com que os professores que acabaram de se formar e os que já atuam na docência apresentassem uma certa falta de preparo no atendimento desses alunos, evidenciando, assim, uma formação fragilizada (AGUIAR; DUARTE, 2005). Nesse contexto, a formação destes profissionais deve corresponder às necessidades atuais na atuação docente, sendo assim:

o que está sendo enfatizado é a necessidade de se formar um docente inquiridor, questionador, investigador, reflexivo e crítico. Problematicar criticamente a realidade com a qual se defronta, adotando uma atitude ativa no enfrentamento do cotidiano escolar, torna o docente um profissional competente que, por meio de um trabalho autônomo, criativo e comprometido com idéias emancipatórias, coloca-o como ator na cena pedagógica (SANTOS, 2001, p. 23).

Como se pode contemplar, o que se deseja atualmente é que o professor direcione a sua prática pedagógica para a coletividade, dando ênfase a diversidade, bem como buscar soluções para os possíveis conflitos que possam aparecer no seu dia a dia enquanto docente de educação física, sendo crítico e criativo, mas para tanto, se faz necessário que a sua formação acadêmica tenha sido estimulada para exercer tais competências.

Em relação à formação do professor de educação física, a mesma começa na formação escolar regular estendendo-se pelos diversos tempos da escola e espaços, além da vivência social do cotidiano (MALDANER; SCHNETZLER, 1998). A formação inicial desse futuro professor pode ter uma duração de aproximadamente quatro anos, sendo ele exposto a conhecimentos teóricos e práticos que têm como finalidade deixa-lo preparado para exercer a

atividade docente, seja ela na educação infantil, fundamental e ensino médio, sendo constituídas por meio do seu percurso social e escolar.

Nesse contexto, Figueiredo (2004, p. 91), tendo como pressuposto as concepções de Tardif, no que diz respeito à formação docente, assevera que:

as experiências sociais/culturais do aluno agem/functionam como um filtro através do qual seleciona/aceita/adere/rejeita os conhecimentos dos cursos de formação. Esses filtros, cognitivos, sociais e afetivos, processadores de informações, perduram ao longo dos tempos já que têm sua origem na história escolar e na história de vida dos alunos. Para Tardif, essas experiências sociais são responsáveis pelo fato de que alguns alunos em formação inicial passem pelos cursos sem mudar suas visões/concepções anteriores.

Dessa maneira, o autor quer dizer que tanto as experiências vividas durante a formação inicial quanto às experiências vivenciadas no convívio social irão fundamentar a qualidade do conhecimento dos docentes de educação física.

Por outro lado, no que se refere à educação inclusiva, estudos realizados com profissionais que exercem atividades em escolas do ensino regular evidenciaram que é preciso melhorar a qualidade dos conteúdos transmitidos não só na formação inicial como também na formação continuada. Uma vez que, alguns professores afirmaram se sentirem incapacitados para enfrentar conflitos simples no dia a dia docente em relação à educação inclusiva (CRUZ, 2005; CHICON, 2005).

Sendo assim, na concepção de Schön (1995), esse problema está relacionado ao modelo imposto na formação que é dado aos professores, sob o ponto de vista instrumental e técnico, ou seja, visando somente o condicionamento físico para a prática de esportes. Com isso, para Zeichner (1995, p. 127), ela “[...] revela-se inadequada em situações de confusão e de incerteza que os professores e os outros profissionais enfrentam no desempenho das suas atividades”.

Em diversos cursos de licenciatura de educação física, nas universidades, o que predomina é o modelo técnico, sendo assim, esse conhecimento teórico é repassado para os futuros professores, sendo a escola regular o local onde a prática desse conhecimento será reproduzido, ou seja, a escola é vista como um espaço onde o professor recém-formado coloca todas as teorias que aprendeu na universidade em prática (SCHÖN, 1995).

Dessa forma, os currículos do curso de educação física prioriza o esporte, em suas diversas modalidades, como sendo o conteúdo fundamental, sendo desenvolvidos conforme o modelo competitivo, não proporcionando que os futuros professores possam experimentar

outras práticas que ultrapassem as que dizem respeito ao movimento corporal de modo técnico, o que faz com que as aulas de educação física sejam uma reprodução mecânica dos movimentos corporais.

Com isso, para que os profissionais da educação física possam se manifestar em posição contrária a esse modelo técnico e racional que é imposto no processo de ensino-aprendizagem, os currículos dos cursos de educação física devem estimular e orientar uma formação que ultrapasse essa racionalidade e paradigma técnico.

A lógica desses currículos é bem conhecida de todos: procuram proporcionar um conhecimento básico sólido no início do curso, com subseqüentes disciplinas de ciências aplicadas desse conhecimento para, finalmente, chegarem à prática profissional, com os diferentes tipos de estágios. Os problemas abordados em tais currículos estão abstraídos das circunstâncias concretas e das vivências, constituindo-se em problemas ideais e que não se aplicam às situações práticas. [...] Cria-se, assim, a sensação nos professores de não saberem as coisas, de não terem um conhecimento útil para resolver os problemas concretos da sala de aula, o que gera a perda de confiança no conhecimento “recebido” da academia, que acabam abandonando. Por outro lado, ao tentarem usá-lo, ele parece fluido e lhes escorre pela mão criando a sensação de incompetência e de incapacidade (MALDANER; SCHNETZLER, 1998, p. 200-201).

Como se pode observar no trecho acima, percebe-se que nos cursos de educação física existe uma valorização maior da teoria sobre a prática, o que faz com que o futuro docente acabe seguindo a mesma ação, não contendo um amálgama entre ambas. Desse modo, se as práticas pedagógicas esportivas não são calcadas como um processo dinâmico, elas irão de encontro ao princípio fundamental da educação inclusiva, que é a diversidade, a qual pressupõe que os professores de educação física adotem intervenções mais flexíveis.

Em relação ao modelo da educação inclusiva, o educador, diversas vezes, não se considera como sendo capaz de atender aos discentes com necessidades especiais, deixando transparecer que a sua formação na academia é a culpada. Como mostra a citação a seguir:

As pesquisas indicam que o despreparado profissional e a desinformação são apontados, pela grande maioria dos profissionais da educação, como a causa do não atendimento educacional dos alunos com NEEs que frequentam as classes regulares (CHICON, 2005, p. 40).

Diante do exposto acima, os professores de educação física, que se depara com conflitos, que possuem alunos com deficiências físicas, devem refletir a sua prática

pedagógica, em prol de resoluções para tais conflitos e, assim, a inclusão desses alunos surgirá.

Nesse sentido, os educadores de educação física devem ser reflexivos sobre a sua prática pedagógica, e não se sentir incapaz de atuar com a inclusão de estudantes com necessidades especiais, uma vez que a situação fica ainda mais complexa quando os alunos estão no ensino fundamental e no ensino médio, já que os conteúdos trabalhados visam somente à prática esportiva. Isso faz com que os professores desenvolvam práticas que dizem respeito ao que foi aprendido durante sua formação, atuando no modelo técnico e racional.

Nesse contexto, Campos (2006), durante uma pesquisa realizada com acadêmicos de diversos cursos de licenciatura, tendo no meio deles o curso de educação física, observou que as grades curriculares desprivilegiam a formação de um futuro professor crítico, criativo e atuante com as intencionalidade da educação básica. Ele diz que:

A prática como componente curricular pode ser compreendida e encontrada no curso enquanto ações promovidas pelo formador de professor que podem, de um lado, favorecer um processo de mediação necessária com a teoria para a apropriação esperada de um conteúdo ou mesmo da sua transformação, como ainda, pode se dar como ações referentes ao ensino, por parte do aluno experimentando, refletindo a propondo ações assumindo sua condição de futuro professor (CAMPOS, 2006, p. 128).

Com isso, levando em consideração que o desenvolvimento de uma educação inclusiva exige por uma ação mais sensibilizadora e flexível, dando ênfase a uma abordagem mais qualitativa do que quantitativa, dando importância à diversidade, pode-se afirmar que os futuros educadores de educação física devem contemplar e adotar uma prática pedagógica que tenha como ação educativa o processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais (BEYER, 2007).

O professor deve ser um agente facilitador, participativo e conhecedor das necessidades e características de seus alunos. Para Mello (2002, p. 220), “o professor não deve estabelecer o que seus alunos têm capacidade de saber, ou que já sabem. Mas incitá-los a construir esse saber, provocá-los ao mesmo tempo em que fornece pistas para que edifiquem seu conhecimento”.

Segundo Xavier (2002, p. 19), a construção da competência do professor para responder com qualidade às necessidades educacionais especiais de seus alunos em uma escola inclusiva, pela mediação da ética,

[...] responde a necessidade social e histórica de superação das práticas pedagógicas que discriminam, segregam e excluem, e, ao mesmo tempo,

configura, na ação educativa, o vetor de transformação social para a equidade, a solidariedade, a cidadania.

O ensino da educação física escolar diante do paradigma da educação inclusiva passa por um período de redimensionamento, devendo-se investir em novos tratamentos para o conteúdo e a abordagem pedagógica, sejam eles jogos, esportes, ginástica ou dança. Do mesmo modo, é necessário que os cursos de formação inicial, desenvolvidos pelas universidades, capacitem os professores a lidar com as especificidades que permeiam esse modelo de ensino. Para tal o professor deverá ser instigado a agir “como um sujeito que pensa sobre seu próprio trabalho, produz juízos e reflexões, tem saberes específicos à sua profissão e não simplesmente aplica regras e teorias pensadas por outrem” (ALLAIN, 2008, p. 4).

Como forma de superar a dicotomia presente não apenas na formação inicial, como também na continuada, é fundamental romper com o modelo da racionalidade técnica e avançar rumo a uma formação baseada na prática reflexiva (ZEICHNER, 1995). De acordo com Perez Gómez (1995), quando o professor exercita a reflexão-na-ação, como forma de intervir nos problemas concretos que encontra na prática, ele lança mão não somente do conhecimento teórico que possui, como também de suas percepções, apreciações, juízos e credos.

No processo de reflexão-na-ação o aluno mestre não pode limitar-se a aplicar as técnicas aprendidas ou os métodos de investigação consagrados, devendo também aprender a construir e a comparar novas estratégias de ação, novas fórmulas de pesquisa, novas teorias e categorias de compreensão, novos modos de enfrentamento e definir os problemas. Em conclusão, o profissional reflexivo constrói de forma idiossincrática o seu próprio conhecimento profissional, o qual incorpora e transcende o conhecimento emergente da racionalidade técnica (PERES GÓMEZ, 1995, p. 110).

Ter autonomia sobre o conhecimento que produz gera no professor um sentimento de competência sobre a sua capacidade de intervir em situações diferentes e singulares, como as que emergem no atendimento de alunos com deficiência no ensino regular.

Dirigindo nossas reflexões à atuação do professor na educação inclusiva, e de modo mais específico nas aulas de educação física, ele deve conscientizar-se de que é necessário um contínuo processo de aprender na e pela prática e concomitantemente um contínuo processo de (re) avaliação. Este último, porém, não deve ocorrer de modo individualizado, ou solitário, e sim no coletivo entre professor-professor, professor-aluno, de forma que as experiências sejam compartilhadas e com base nelas novos conhecimentos sejam elaborados.

Ações cooperativas entre os docentes são favoráveis no enriquecimento da ação pedagógica. Nesses momentos, as discussões envolverão não somente estratégias de ensino, como também a estruturação curricular avançando para os critérios de avaliação. O aceite em conjunto das atitudes a serem adotadas nas intervenções educacionais gerará um sentimento de coletividade em que todos serão os responsáveis pelos resultados obtidos. Esse talvez seja um dos maiores desafios da educação inclusiva. Como reforça Prieto (2006, p. 58), além de desenvolver tais competências,

os professores devem ser capazes de analisar os domínios de conhecimentos atuais dos alunos, as diferentes necessidades de demandas nos seus processos de aprendizagem, bem como, com base pelo menos nestas duas referências, elaborar atividades, criar ou adaptar materiais, além de prever formas de avaliar os alunos para que as informações sirvam para retroalimentar seu planejamento e aprimorar o atendimento dos alunos.

Diante do exposto, pode-se compreender por que há mais dilemas na prática da educação inclusiva do que resultados práticos efetivos. Discutir e trabalhar inclusão nas aulas de educação física significa redimensionar os métodos e as estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem, implica o professor superar a formação pautada na racionalidade técnica, recebida na formação inicial e continuada, bem como superar as experiências segregacionistas e discriminadoras presentes no meio social em que ele viveu ou vive. Enfim, pedem-se determinadas competências ao professor, na prática do seu trabalho docente, para as quais ele não foi instrumentalizado a desenvolver.

Hoje, um dos grandes desafios dos cursos que formam professores é a elaboração de um currículo que venha desenvolver nos acadêmicos competências, habilidades e conhecimentos para que todos possam atuar em uma escola realmente inclusiva, acessível a todos, independentemente das diferenças que apresentarem, dando-lhes as mesmas possibilidades de realização humana e social (FREITAS, 2006, p. 176).

Há aproximadamente 15 anos os cursos de graduação em educação física estão colocando no mercado de trabalho, mais especificamente nas escolas, profissionais formados sob essa nova perspectiva, a fim de atender às propostas necessárias ao ensino inclusivo. Ao tratar das novas atribuições do professor na educação inclusiva, Cruz (2005, p. 29-30) comenta:

A Educação Física pode contribuir no processo de desenvolvimento motor de uma pessoa portadora de deficiência, à medida que estruture um ambiente

que proporcione vivências motoras capazes de incrementar sua habilidade para solucionar as tarefas apresentadas pelo ambiente físico-social no qual está inserida. Para tanto nossas lentes devem focalizar o movimento corporal – sem restrições excludentes – e não a deficiência da pessoa, quando nos propomos a abordar este tema. Não nos compete reverter alterações morfológico-funcionais constitutivas de uma pessoa. Entretanto, proporcionar-lhe condições de movimentar-se para interagir com seu ambiente físico-social de modo cada vez mais satisfatório às suas necessidades é tarefa que nos cabe.

Pesquisas indicam que, além da formação inicial, outras variáveis se relacionam diretamente com a qualidade das intervenções realizadas pelo professor: o gênero do professor (as mulheres têm se mostrado mais receptivas à inclusão); a experiência anterior (os professores com mais experiência demonstraram atitudes mais positivas); o conhecimento da deficiência do aluno; o tipo de deficiência que o aluno apresenta; o nível de ensino em que o aluno se encontra (atitudes mais positivas são encontradas em alunos que frequentam níveis mais básicos de escolaridade); a qualidade na formação continuada (RODRIGUES, 2006).

Diante das informações apresentadas na literatura consultada, pode-se dizer que avanços já foram obtidos na inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física, contudo é premente haver maiores investimentos em práticas pedagógicas menos restritivas e na preparação de professores capazes de transcender a formalidade da organização curricular (MAUERBERG-DECASTRO, 2007), para que o atendimento inclusivo se efetive cada vez mais.

3.3 Educação Física e seus objetivos gerais

Pode-se constatar que a Educação Física dentro do âmbito educacional está buscando por uma mudança e uma melhor de entender o seu papel com o intuito de aumentar a participação da população nas atividades que são desenvolvidas pela área. Desse modo, a Educação Física para toda a comunidade implica, implicitamente, uma abordagem de conteúdos que contemplem questões como: cidadania, pluralidade cultural, diversidade, deficiência física, entre outras atividades que contemplem o movimento corporal.

Consoante os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (BRASIL, 1998), tais propostas educacionais concorrem para uma Educação Física compreendida como Cultura Corporal de Movimento, ou seja, tem como concepção uma educação que leva em consideração as diferenças. Nesse sentido, Daólio (1995) sustenta que uma Educação Física, no contexto escolar, deve atender a todos os alunos, isto é, levando em consideração suas

diferenças. Com isso, no ponto de vista do autor, a educação física no ambiente escolar deve ultrapassar as diferenças da pluralidade da cultural corporal.

Nessa perspectiva, os PCN's preconiza um modelo de educação física destinado para o ensino fundamental, sugerindo como fundamento básico a importância das aulas serem direcionadas a todos os alunos:

A sistematização dos objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação têm como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimento por meio da participação e reflexão concreta e efetiva. Busca-se rever o quadro histórico de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e da eficiência (BRASIL, 1998, p. 19).

Dessa maneira, conforme Pedrinelli (1994), todo programa de Educação Física deve promover instigação a todos os alunos, fazendo com que todos participem, respeitando suas limitações e destacando as potencialidades de cada aluno no seu domínio motor.

Por sua vez, para Cidade e Freitas (1997) a disciplina educação física no ambiente educacional se estabelece como uma importante área de adaptação, visto que possibilita a participação de crianças e jovens em atividades que sejam adaptadas às suas necessidades e potencialidades, fomentando que estes sejam valorizados e façam parte do mesmo mundo dos demais.

Dessa feita, para Araújo (1999, p.17):

[...] o termo adaptação tem também uma conotação que se identifica com a manipulação de variáveis ecológicas. A atividade, os materiais, os estilos de ensino, os enquadramentos, etc., têm que ser adaptados porque a pessoa tem menos possibilidades de adaptação. Adaptar uma atividade, em sentido lato, pode ser, pois, construir uma atividade para um objetivo definido.

Conforme destaca o autor na citação acima, a palavra adaptação é compreendida como a procura de mecanismos e adequações, a fim de realizar uma determinada atividade perante a impossibilidade de se poderem usar os meios tradicionais para tal tarefa.

Nesse sentido, entende-se que somente agregar os fundamentos da educação física adaptada na educação física escolar, procurando elementos que subsidiem o processo para que os professores insiram tais conhecimentos, não irão garantir a inclusão dos alunos com necessidades especiais nas aulas de educação física. Não obstante, os profissionais da educação física enquanto educadores devem refletir e repensar suas ações, com o intuito de entender melhor os discentes com necessidades especiais, tendo como finalidade a inclusão desses alunos nas aulas de educação física.

Levando em consideração que as atividades que dizem respeito ao movimento, as quais se mostram como sendo de suma relevância para o processo de desenvolvimento humano nas aulas de educação física adaptada, uma vez que influencia no aspecto motor, socioafetivo ou cognitivo, pode-se observar que pode haver consequências para os alunos ficam de fora desta realidade e deste aprendizado, podendo, assim, impossibilitar sua interação com o mundo e com a sociedade devido à falta do conhecimento corporal (TAVARES, 2004).

Nesse contexto, a maneira que o ensino da educação física na escola será concebido pelo professor da área pode favorecer, de certa forma, para a exclusão dos alunos em dadas atividades mesmo eles sendo portadores de necessidades especiais ou não. Assim, consoante Santin (1998, p.67):

É interessante observar que a Educação Física é a única que conseguiu criar leis para que certos alunos fossem dispensados, alegando razões que olhadas com atenção, mostram exatamente que estes dispensados são os que mais necessitam de atenção do educador.

Desse modo, pode-se ser observado que algumas ações tomadas pelos educadores acabam afastando, excluindo, sem perceber ou querer aqueles que são caracterizados como menos hábeis ou mais lentos, enfim, aqueles que não condizem com o padrão pré-estabelecido para as aulas de educação física no âmbito escolar.

Sendo assim, os professores de educação física devem estabelecer relações do conhecimento adquirido e averiguar suas práticas educativas para analisar os processos de aquisição e transmissão do conhecimento para os alunos. Mas, para tanto, se faz necessário que o educador de educação física procure desenvolver uma interação entre ele o aluno e ambiente escolar, a fim de que tenha como finalidade fazer uma ação pedagógica esportiva que promova a inclusão. Nesse sentido, Cruz, Pimentel e Basso (2002, p. 39-40) discorrem sobre a relação entre professor-aluno-ambiente escolar em relação à inclusão dos alunos com deficiência física:

[...] se o professor não for capaz de organizar um ambiente de aprendizagem que favoreça o seu desenvolvimento, pode-se deslocar o foco de atenção das “deficiências” do aluno para o professor. Para se criar um ambiente no qual as necessidades dos alunos venham a ser atendidas, é de suma importância que a partir das características peculiares dos alunos – inclusive os que apresentam deficiência – o professor esteja devidamente preparado [...] É a partir da assunção de que o processo de ensino em aulas de Educação Física diz respeito à construção de um ambiente que proporcione ao aluno vivências motoras significativas ao seu processo de desenvolvimento e capaz

de corroborar com o processo pedagógico da escola que devemos considerar a possibilidade, enquanto professores de Educação Física, de intervirmos na realidade de alunos com necessidades educacionais especiais.

Nessa perspectiva, tendo como objetivo a inclusão e a efetivação da educação física adaptada, o professor de educação física em um ambiente escolar deve intervir propondo uma ação pedagógica que seja efetiva com o intuito de:

- Contribuir com o desenvolvimento dos alunos, adaptando as atividades quando for necessário, dando oportunidades iguais de participação a todos eles;
- Fomentar o desenvolvimento, estimulando a efetiva participação, mostrando-se acessível e disponível a todos os discentes;
- Orientar o desenvolvimento dos alunos ofertando uma instrução mais correta, dicas antes depois das aulas.

Diante disso, deve-se levar em consideração que as formas de ensinar, o que ensinar e quem de fato necessita aprender, devem fazer parte integrante de toda ação pedagógica dos professores de educação física e que tenham como perspectivas uma ação de desenvolvimento integrada e inclusiva.

Em virtude do exposto sobre a inclusão de alunos com deficiência física nas aulas de educação física, será abordada, a seguir, a análise dos resultados obtida na coleta de dados, averiguando dissertações de mestrado que discorrem sobre o tema proposto, com o intuito de entender melhor se de fato ocorre a inclusão desses alunos nas aulas de educação física nas escolas e como se dá esse processo inclusivo para esses alunos.

4 ESPORTE ADAPTADO SEGUNDO A LITERATURA ACADÊMICA ESPECIALIZADA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

4.1 Metodologia bibliográfica

Para uma efetiva aplicação da metodologia apontada como critérios da realização deste trabalho, é necessário conhecer um pouco sobre os termos da pesquisa, quais os métodos utilizados e quais suas funções. A pesquisa pode ser entendida como um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo trazer soluções aos problemas que são apresentados (GIL, 2008).

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Assim, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras etapas, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2002, p. 17).

O conhecimento sem a devida organização fica confuso de ser trabalhado. Seguindo um método científico dá maior segurança ao pesquisador na realização da coleta e análise dos dados. O método de pesquisa é, de fato, um conjunto de regras básicas empregadas em uma investigação científica. Nesta fase o pesquisador necessita definir claramente onde e como será realizada a sua pesquisa, sabendo que o método a ser utilizado depende do objetivo da pesquisa.

O estudo é do tipo descritivo, pois, segundo Gil (2002), tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, tendo como uma de suas características mais significativas a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados e como objetivo estudar as características de um grupo. Que pode ser um grupo de pessoas, um grupo de objetos, um grupo de fenômenos ou um grupo textos, no caso de uma pesquisa bibliográfica. O fato é que esses grupos reúnem fontes de informação sobre um dado tema ou problema.

A pesquisa apresenta ainda uma abordagem qualitativa porque, segundo Roesch (1999), seus métodos de coleta e análise de dados são apropriados para uma fase exploratória da pesquisa, por viabilidade de observação na realidade ou em seu meio, devido este estudo conter uma breve apresentação de como se dá o processo de inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais.

Nessa perspectiva, a fase inicial da pesquisa se deu fazendo uma exploração sobre o tema proposto, sendo ela realizada no banco de dados digitais da CAPES (Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), denominado de Catálogo de Teses e Dissertações (CTD). Este banco de dados possui salvaguardadas informações básicas de diversas teses e dissertações produzidas em programas de pós-graduação em nível nacional. Essas informações básicas apresentam: o resumo, palavras-chaves, nome do autor, orientador etc. Dessa maneira, utilizou-se a ferramenta de busca do próprio site do CTD, aplicando o termo “esporte adaptado”, obtendo como resultado um número significativo de 9.961 trabalhos entre teses e dissertações.

Para realizar a seleção dos trabalhos publicados na CAPES, foi feita uma filtragem, destacando os seguintes filtros disponíveis no site: Área de concentração: Educação Física, obtendo 1576 trabalhos; Mestrado: com 1164 trabalhos; Área do conhecimento: resultando em 1164 textos, por fim, selecionou-se o filtro Biblioteca Central E Biblioteca Central da UNICAMP/Biblioteca Setorial da Faculdade de Educação Física (FEF), contendo uma soma de 100 textos publicados nesse filtro. Ao analisar o título e o resumo desses trabalhos, constatou-se que se enquadravam ao tema proposto a quantidade de três dissertações.

Em contrapartida, foi realizada outra filtragem com o intuito de enriquecer o trabalho com uma quantidade maior de teses, fazendo da seguinte maneira: Termo de busca: esporte adaptado, com 1576 trabalhos; Mestrado: com 1164 textos; Área de concentração: Atividade Física e Esporte, com um total de 129 textos e Área de Avaliação, com 129 trabalhos, sendo que desse montante somente dois tinham uma estreita relação com o foco da nossa pesquisa.

A primeira dissertação nomeada “Influência de um programa de iniciação esportiva em crianças com deficiência física”, de autoria de Flávio Anderson Pedrosa de Melo, tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, na Universidade Federal de São Carlos, no ano de 2014. A segunda dissertação tem o título: “Esporte educacional e deficiência: encontros esportivos no contexto escolar”, por Afonsa Janaína da Silva, tese esta apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, no ano de 2008.

Por fim, a última dissertação intitulada: “Inclusão, necessidades especiais e educação física: considerações sobre a ação pedagógica no ambiente escolar” por Luiz Seabra Júnior, apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, no ano de 2006. As duas últimas teses foram encontradas tanto na primeira busca quanto na segunda. Sendo assim, observou-se que o site da CAPES apresentou como insuficiente para darmos continuidade a nossa pesquisa.

Devido ao resultado ínfimo para os propósitos de nosso projeto, decidimos manter essas fontes suspensas de uma amostra bibliográfica para a pesquisa. Com efeito, durante

outros levantamentos exploratórios visando encontrarmos algum banco de dados especializado no tema do esporte adaptado, deparamo-nos com informações sobre a Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada; antiga Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA). Essa entidade possui um site na internet em que registra inúmeras de suas atividades. Chamou nossa atenção três tipos de produtos vinculados a atividades acadêmicas, são eles duas revistas acadêmicas e um evento, todos com frequência periódica.

A Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada (RSOBAMA) é administrada por um docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP), cidade de Marília, estado de São Paulo, e tem periodicidade semestral. Realizando uma busca em seu acervo pela palavra-chave “esporte adaptado”, nove artigos foram apresentados, mas nenhum deles apresentou algum tipo de associação com tema na nossa pesquisa. Uma vez que, nenhum dos trabalhos abordam a temática inclusão escolar para alunos com deficiência nas aulas de educação física. Como ilustração das temáticas apresentadas, eis alguns exemplos: a história de vida dos deficientes em práticas esportivas; cursos de capacitação para treinadores de esportes paraolímpicos e a ocorrência de lesões esportivas em atletas que praticam esportes para deficientes.

A outra revista mantida pela SOBAMA tem como título Adapta: Revista Profissional da SOBAMA, também administrada por um docente da UNESP, mas agora do campus de Presidente Prudente, estado de São Paulo, obtendo apenas uma ocorrência referente à busca pelo termo “esporte adaptado” em seu acervo, o qual mesmo assim não serviu para a nossa finalidade proposta. Por conta dos resultados nulos, ampliamos nossas buscas para os anais do evento da SOBAMA: Congresso Brasileiro de Atividade Motora Adaptada, que está em sua décima edição, ocorrendo quase bianualmente desde 1995.

Com isso, elegemos os anais da última edição do evento no sentido de realizar um levantamento sobre o tema “esporte adaptado”. Constatamos que o congresso possui um Grupo de Trabalho (Tema 8) com o seguinte título: “Educação Física e Inclusão Escolar”, totalizando um número de vinte e cinco (25) resumos apresentados e publicados na forma escrita, sendo selecionados nove (9), os quais continham informações pertinentes a nossa pesquisa sobre esporte adaptado na escola.

Após esse longo percurso em busca de fontes pertinentes à temática “esporte adaptado”, passando pelos levantamentos sobre “Educação Física e Inclusão Escolar”, conseguimos eleger nossa amostra bibliográfica para realização de um estudo sobre o tema, de modo a conhecermos o panorama de seus limites e possibilidades segundo a produção

acadêmica. Importante frisar que a essa amostra ainda é infinitamente menor em relação às nossas expectativas iniciais. Contudo, ela concentra de maneira mais rigorosa um pequeno conjunto de perspectivas que esperamos abrirem algumas portas para a compreensão da atual situação sobre a questão.

Embora abordaremos essa reflexão nas considerações finais, vale adiantar que apensar da temática estar frequentemente em circulação entre profissionais de Educação Física e de Educação, bem como no livre senso comum e midiático, o fato é que pouca atenção científica se tem dado. Passando pelas etapas exploratórias e seletivas, foi avançado para a análise da pesquisa, a qual consiste em um trabalho que abarca a separação do conteúdo abordado nas obras selecionadas, analisar as interpretações realizadas e observadas pelos autores e, por fim, analisar o posicionamento dos autores sobre o assunto (PRONADOV, 2013, p 112).

Na concepção de Pronadov (2013), a análise da coleta de dados é entendida como um conjunto de técnicas de pesquisa que tem como finalidade a busca do sentido ou dos sentidos de um documento. Com isso, para finalizar o presente estudo, foram analisados os métodos e os resultados e discussões dos resumos encontrados, a fim de entender sobre o tema proposto e buscar uma solução para a efetiva inclusão dos alunos com necessidades especiais nas aulas de educação física no ambiente escolar.

Na sequência, apresentamos um quadro com informações técnicas de cada um dos resumos:

Quadro 1: Informações técnicas da amostra de resumos organizados em ordem numérica				
Grupo Temático: “Educação Física e Inclusão Escolar”				
	Título	Autores	Instituição	Comentários
1	DEFICIÊNCIA VISUAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: O COTIDIANO EM QUESTÃO	1PINTO S. G., 2PEREIRA, D. A. A., 3PIRES, L. P. P, 1ALLOCCA, R.A., 1VEIGA, R.L.L.	1Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ponte Nova - FUPAC, Ponte Nova-MG, Brasil. 2Universidade Federa de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil 3 Universidade Estadual de Minas Gerais, Passos-MG –Brasil	
Introdução: A Educação Física é um componente curricular da Educação Básica que tem como objetivo introduzir e integrar o aluno a cultura corporal de movimento, bem como democratizar a sua prática e contribuir para inclusão de alunos com deficiência. Objetivo: Compreender o cotidiano das aulas de Educação Física de uma escola pública com a presença de educando com deficiência visual (DV). Metodologia: Se trata de uma pesquisa qualitativa, do tipo observação participante, em uma escola pública municipal, da Zona da Mata Mineira. As aulas ocorriam 02 vezes por semana e havia presença/participação de um aluno com DV. Resultados: O aluno se mostrava inseguro com determinadas atividades que envolviam lateralidade e agilidade, e para se deslocar no espaço. Não apresentava nenhum comprometimento físico e se sentia motivado com aulas em função da possibilidade de planejamento que o professor apresentava. As aulas eram adaptadas com pistas táteis e instruções verbais no espaço, materiais e regras. Notou-se que o aluno possui grande interesse pela disciplina e vislumbra cursar um curso superior na área e ser jogador de futebol. Além disso, as aulas contribuíram para diversificação do seu repertório motor. Segundo relatos familiares não é a deficiência visual que define o discente e nem as				

suas dificuldades, mas sim, a forma que lidar com as dificuldades e preconceito. No âmbito educacional, verifica-se que a escola tem estimulado a matrícula e permanência dos seus educandos com deficiência, além disso, incentivado a equiparação de oportunidades. Conclusão: A escola para ser inclusiva deverá ter o corpo docente capacitado, plano pedagógico adequado e acessibilidade. No âmbito da Educação Física é necessário que os docentes, em relação aos alunos com deficiência visual deem estímulos verbais, levar o aluno a explorar e conhecer o espaço de aula, fornecer informações precisas e diretas, utilizar pistas táteis, por exemplo.

Palavras-chaves: Educação Física, Deficiência Visual, Inclusão

2	ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PROPOSTA DE INCLUSÃO POR MEIO DE FREINET	CARVALHO C. L. de, ARAÚJO P. F. de	Faculdade de Educação Física - UNICAMP, Campinas-SP, Brasil.	
---	---	------------------------------------	--	--

Introdução: Alunos com síndrome de Down possuem particularidades que exigem adaptações nas aulas de educação física escolar, como atraso no desenvolvimento intelectual e motor. Por sua vez, o pedagogo Célestin Freinet (1896-1966) propôs técnicas pedagógicas alicerçadas numa visão de educação humana, cooperativa e adaptada às necessidades da criança, mas tem sido pouco explorado quanto aos possíveis benefícios de suas propostas para a construção de um cenário educacional inclusivo. Objetivo: Elaborar uma proposta para favorecer a inclusão de alunos com síndrome de Down nas aulas de educação física escolar fundamentada nos ideais de Freinet. Metodologia: Foi elaborada uma pesquisa documental com as obras de Célestin Freinet disponíveis na base de dados impressa da Faculdade de Educação Física, e de Educação, da Universidade Estadual de Campinas. As fontes foram analisadas por análise documental, com reflexão para a elaboração de uma proposta inclusiva na educação física escolar. Foram incluídas obras nas quais Célestin Freinet é o único autor e escritas em português, e excluídas aquelas com autores múltiplos ou em língua estrangeira; identificando-se 9 obras. Resultados: Técnicas propostas por Freinet podem ser utilizadas no processo inclusivo para superação de barreiras atitudinais e de conhecimento - como “aula passeio” ao conduzir uma turma de alunos para escolas especiais ou locais destinados à prática de atividades físicas para essas pessoas mostrando suas capacidades e construindo conhecimento sobre a condição da Síndrome de Down - e de dificuldades intelectuais e motoras - com “aulas em cantos”, onde atividades com diferentes níveis de exigência motora e cognitiva são possíveis de serem trabalhadas concomitantemente. Considerações finais: Os ideais de Freinet podem contribuir com a inclusão educacional favorecendo a construção de conhecimento e respeito acerca dessa condição de deficiência e a participação ativa desse aluno na educação física escolar.

Palavras-chaves: Educação Física Escolar. Inclusão. Síndrome de Down. Célestin Freinet.

3	INTERAÇÃO ENTRE ALUNOS COM E SEM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	1LIMA N.V., 2CARVALHO C.L., 2ARAÚJO P.F., 1SALERNO M.B.	1Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, Brasil. 2Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.	
---	--	--	---	--

O processo de inclusão da pessoa com deficiência nas aulas de Educação Física no ensino regular nos faz refletir sobre diversas questões. Uma delas, objeto de estudo do presente trabalho, é a interação que se estabelece entre alunos com e sem deficiência. Para iniciar a análise desses elementos, observamos uma aula de educação física em turmas inclusivas em escolas públicas na cidade de Campo Grande/MS. Para a pesquisa foi utilizado o Instrumento de Avaliação da Interação entre Alunos com e sem deficiência na Educação Física Escolar (SALERNO; SILVA; ARAÚJO, 2013) e os preceitos éticos da pesquisa respeitados. Foram observados 21 alunos, sendo 5 com paralisia cerebral, 6 com baixa visão, 1 com deficiência visual, 3 com deficiência intelectual, 2 com Síndrome de Down, 1 cadeirante, 1 autista, 1 com deficiência múltipla e 1 sem diagnóstico fechado. Das aulas observadas o conteúdo que prevaleceu foi o jogo com 11 ocorrências, seguido do esporte com 9 e a ginástica com 1 aula apenas. A abordagem das aulas se deu prioritariamente com o caráter de vivência, com momentos de competição e cooperação vinculados. O que se observou foi que a maioria dos alunos com deficiência iniciou interações com seus colegas (80,95%) e respondeu às iniciativas dos demais alunos sendo (90,47%), em sua maioria, atitudes

positivas, tanto partindo dos alunos com deficiência (90,47%) quanto dos colegas sem deficiência (95,24%). Interessante observar, que as ocorrências não consideradas positivas não são reflexos de um mesmo aluno, ou seja, elas estão diluídas nas relações que se estabelecem na escola, já que esse espaço se estabelece como gerador de conflitos que podem ser conduzidos de diferentes formas para o aprendizado de lidar com as diferenças. Os dados encontrados nos mostram que a interação entre os alunos está ocorrendo inserido em um contexto interessante de aprendizado, acolhimento e conflito.

Palavras-chave: Interação, Inclusão, Educação física escolar

4	AUTISMO E INCLUSÃO ESCOLAR: AS ATIVIDADES FÍSICAS E PSICOMOTORAS COMO ESTRATÉGIAS SENSORIAIS	COSTA, G.C.B.S	Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, Juiz de Fora-MG, Brasil.	
---	---	----------------	---	--

Esta pesquisa tem por objetivo compreender como as atividades físicas e psicomotoras podem favorecer o desenvolvimento dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sob uma perspectiva sensorial. Nesse estudo abordamos que indivíduos com TEA podem apresentar prejuízos sensoriais. Para compreender melhor, buscamos nas definições da teoria de Integração Sensorial (IS), como o cérebro recebe, processa e organiza os estímulos trazidos pelos sentidos. Através dos sistemas sensoriais audição, visão, olfato, tato, gustativo, proprioceptivo e vestibular, as informações são enviadas ao Sistema Nervoso Central (SNC), organizando nossas sensações para conseguirmos viver no mundo. A IS nos permite juntar as partes e compreendermos o todo. Neste cenário, usamos as atividades físicas e psicomotoras para favorecer a experimentação de diferentes sensações, ampliando o repertório motor e sensitivo, minimizando possíveis prejuízos sensoriais, promovendo a aprendizagem e contribuindo para a inclusão desses alunos. O presente trabalho assume uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada, classificada como pesquisa exploratória, adotando o procedimento de pesquisa-ação com duas crianças com (TEA), matriculadas na Rede Municipal de Ensino de Rio das Ostras/RJ. Os resultados alcançados demonstram que as intervenções contribuíram para o desenvolvimento dos alunos nos principais aspectos: Consciência Corporal – Na exploração de materiais e atividades psicomotoras com estímulos aos sistemas proprioceptivos e vestibular, percebeu-se os ganhos de autorregulação, atenção apropriada e controle do comportamento. Contato visual - na sequência dos ganhos da consciência corporal, os alunos gradativamente e a cada encontro aumentava o contato visual, principalmente nas atividades psicomotoras que exigiam intervenções proprioceptivas. Aspecto psicomotor - nas atividades de mobilidade no espaço por meios de rolar, rastejar, gatinhar, empurrar, pular e correr, aumentou-se a possibilidade da percepção do corpo, do espaço e planejamento motor. A pertinência deste artigo está em colaborar com o processo de inclusão de alunos com TEA, através das atividades físicas e psicomotoras.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista (TEA); Atividades Físicas; Psicomotricidade

5	Estratégias de ensino e inclusão de aluno com baixa visão nas aulas de educação física: um estudo de caso	1RUFINO M. B., 1OLIVEIRA, R.A.R.; 2PEREIRA, E.T.; 1FERREIRA E. F	1Faculdade Governador Ozanam Coelho - FAGOC, Ubá - MG, Brasil. 2Universidade Federal de Viçosa-UFV, Viçosa-MG, Brasil	
---	--	---	--	--

A inserção de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação na escola, tem desafiado os espaços escolares a construir novas alternativas de ensino. Com intuito de atender as necessidades educacionais do aluno com deficiência, é de extrema importância adaptar recursos e estratégias de ensino no meio educacional. Nesse sentido, este estudo teve por objetivo verificar as estratégias de ensino e recursos pedagógicos para a inclusão de um aluno com baixa visão, nas aulas de educação física do Ensino Fundamental I, na rede regular de ensino de Ubá. A presente pesquisa desenvolveu-se sob uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. Participaram da pesquisa um aluno com deficiência visual e um professor de educação física, sendo estes entrevistados a partir de um roteiro pré-estabelecido. Os dados obtidos foram processados no software IRAMUTEQ mediante análise de similitude. Os resultados evidenciam uma centralidade do elemento aluno, representando conexões importantes, tais como necessidade- escola- olhar- atividade- ver, essa semelhança reflete a atitude positiva do professor frente à inclusão do aluno com baixa visão, assim como

a ligação aula- prático- realizar- adaptar- necessário. Os elementos aluno- professor- deficiência, apontam para uma convivência positiva entre aluno-professor. Além disso, o professor emprega a estratégia de ensino demonstrar e falar para incluir o aluno nas aulas, sendo observado na ligação aluno-demonstração- entender- falar, assim como a conexão das palavras (pique- correr- pegar- brincar- legal-brincadeira) afirma a participação do aluno nas atividades desenvolvidas. Todavia não foi detectado nenhum tipo de recurso pedagógico adaptado pelo professor para a inclusão do aluno. As conclusões indicam que há a necessidade de capacitação dos professores de educação física na área da educação especial para que a inclusão de alunos com deficiência aconteça de forma planejada favorecendo o desenvolvimento integral de todos os alunos independente de sua condição.

Palavras-chave: Aluno com necessidades especiais. Educação. Inclusão educacional.

6 EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A INCLUSÃO NA VIVÊNCIA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO	1,2MILAN, F. J., 2RODRIGUES, L. B. S.	1Horus Faculdades, Pinhalzinho-SC; 2Grupo de Pesquisas Pedagógicas em Educação Física (GPPEF/CNPq/UNOCHAPECÓ), Chapecó-SC, Brasil.	
--	--	---	--

Introdução: Por muitos anos houve um distanciamento entre a EF geral e a EF adaptada (DA COSTA; SOUZA, 2004). Hoje, o desporto adaptado já é uma realidade na EF escolar, com planejamento e uso de metodologias adequadas, respeitando Diferenças e possibilitando de inclusão (PEDRINELLI, 1994; DUARTE; WERNER, 1995; CIDADE; FREITAS, 1997). Objetivo: Constatar a percepção de estudantes sobre a relação entre Educação Física Adaptada e Inclusão em aulas de Educação Física. Metodologia: O estudo de caso caracteriza-se como descritivo e qualitativo. A população foi composta por 23 estudantes da 1ª Série “1” da EEB Marcolino Eckert, Pinhalzinho/SC, com $\pm 14,8$ anos. A coleta de dados deu-se por um questionário com questões abertas e diário de campo (dez aulas observadas). A análise dos dados foi baseada na análise de conteúdo (MINAYO et al, 2003). Resultados: A EF adaptada é percebida como atividade em que todos participam, proporcionando inclusão através do uso de materiais adaptados, embora alguns a compreendam apenas como atividades inclusivas para cegos ou cadeirantes. Diante da pouca vivência da EF adaptada pelos estudantes, destaca-se uma vaga visão sobre inclusão, vinculada ao despreparo do espaço escolar e a resistência de alguns estudantes ao dizerem que a presença da EF adaptada não acontece, pois “não há ninguém precisando na turma”. No entanto, a grande maioria considera a EF adaptada relevante para a inclusão nas aulas de EF. Considerações finais: Evidenciam-se dois fatores centrais: a) o desconhecimento e vaga vivência da EF adaptada pelos estudantes, caracterizando a dificuldade de inclusão e uma cultura de resistência à pessoa com deficiência (FERREIRA; FERREIRA, 2004); e b) o contraste entre a desordem no espaço escolar e o não acontecimento da EF adaptada nas aulas, espelhando as condições de trabalho oferecidas, associadas ao fato da escola ter ou não uma proposta que proporcione inclusão (RIBEIRO, 2009).

Palavras-chaves: Inclusão, Educação Física Adaptada, Educação Física Escolar.

7 A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS COOPERATIVOS COMO BASE PARA A INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	Bruna Cristina da Silva Paulo Roberto Carvalho Júnior	UNIFAI- Centro Universitário de Adamantina	
--	--	--	--

Ao se pensar no contexto de todo processo educacional, e em específico, ao se referir a inclusão, não se deve analisar somente alunos que apresentam algum tipo de deficiência. Muitas crianças e até mesmo adolescentes sofrem com problemas de socialização e aprendizagem que acabam desmotivados e excluídos do grupo. O presente trabalho busca caracterizar os Jogos Cooperativos como instrumento viabilizador para inclusão nas aulas de Educação Física. O estudo foi realizado na escola Pêrsio Scatena Garcia, na rede municipal de ensino, no município de Valparaíso – SP. A população que foi estudada constituiu-se de aproximadamente 120 alunos que estão matriculados nas séries do ensino fundamental I,

do primeiro ao quinto ano e com frequência constante nas aulas. O estudo seguiu as diretrizes e normas que regulamentam a pesquisa com seres humanos (lei 466/12) e um termo de consentimento livre e esclarecido enviado aos pais ou responsáveis legais dos participantes, autorizando a participação dos mesmos no estudo. Os alunos foram submetidos à realização de duas atividades cooperativas, durante duas semanas consecutivas. Ao final desse procedimento prático, os alunos receberam um questionário composto por questões abertas e fechadas e que visou identificar a concepção dos alunos sobre os jogos cooperativos e a inclusão, outro questionário também foi aplicado ao professor no intuito de verificar a sua concepção em relação aos alunos e aos Jogos Cooperativos durante as aulas de Educação Física. Analisamos que a aplicação dos Jogos Cooperativos enquanto um dos conteúdos da Educação Física na educação básica, permitiu que os alunos se aproximassem e aproveitassem a experiência proposta, visto que os Jogos Cooperativos é uma ferramenta ainda pouco utilizada dentro da escola como instrumento de inclusão entre os alunos.

Palavras Chaves: Inclusão, Jogos Cooperativos, Educação Inclusiva, Cooperação, Deficiência.

8	EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	1SANTOS, P.C.P., 2CUNHA, R. F. P., 3SILVA, F. M. de C., 4MARTINS, A. O.	1Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza - FAMETRO, Fortaleza-CE, Brasil. 2Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza - FAMETRO, Fortaleza-CE, Brasil. 3Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas-SP, Brasil. 4Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza – FAMETRO, Fortaleza-CE, Brasil.	
---	--	---	--	--

A inclusão de pessoas com deficiência apresenta-se como um fenômeno recente nas unidades escolares e de ensino no Brasil e no mundo. O modelo inclusivo se deu, principalmente, por alterações na legislação que fundamentaram as diretrizes educacionais. Este estudo aborda as práticas pedagógicas do professor de Educação Física, assim como algumas reflexões de acerca da inclusão e da necessidade de mudanças na estrutura das aulas de Educação Física visando a inserção das pessoas com deficiência na escola de maneira ativa. Temos, pois como intuito, propor estratégias de práticas pedagógicas inclusivas nas aulas de Educação Física Escolar respeitando a individualidade de cada aluno. A pesquisa, de caráter bibliográfico, baseou-se principalmente nos estudos de Gorgatti (2008), Mauerberg-deCastro (2011), Chicon (2013) e Mantoan (2013). A literatura analisada apresentou algumas estratégias para que o professor de Educação Física realize a inclusão em suas aulas. São eles: Conhecimento dos alunos; realização de adaptações/modificações e avaliação pedagógica. Como propostas de intervenção-ação, temos o diálogo do professor com o aluno para, de maneira mais criteriosa, conhecer as deficiências e as patologias; realizar adaptações nas regras ou equipamentos e, na avaliação, usar um checklist para identificar as dificuldades de movimento no decorrer do processo de ensino. Existem outros caminhos para auxiliar a prática docente, como a tutoria em pares e a apresentação de esportes que possuem, em sua gênese, a característica de ser destinado a pessoas com deficiência, como o caso do goalball. Portanto, a prática pedagógica aliada a um currículo crítico, assim como, políticas educacionais que subsidiem a inclusão com o intuito de aproximar e causar tensão sobre as diferenças e, principalmente, propiciar a busca por uma identidade superadora que vise às potencialidades dos alunos, de maneira integral, deverão fazer parte do rol de necessidades para a inclusão efetiva dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar.

Palavras-chaves: Inclusão, Educação Física Escolar, Práticas pedagógicas.

9	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUAS VIVÊNCIAS INCLUSIVAS	1MARTINS A.O., 2SANTOS, P.C.P., 3CUNHA, R. F. P.	1Faculdade de Educação Física - FAMETRO, Fortaleza-CE, Brasil. 2Faculdade de Educação Física - FAMETRO, Fortaleza-CE, Brasil. 3 Faculdade de Educação Física - FAMETRO, Fortaleza-CE, Brasil.	
---	--	--	---	--

Introdução: As paralimpíadas tiveram como gênese um viés terapêutico voltado para a reabilitação, principalmente para os feridos nas guerras. Posteriormente a educação física adaptada, usando, sobretudo

o esporte se apropriou da sua importância e da sua prática corporal para adentrar em instituições educacionais. Na perspectiva de desenvolver um ambiente voltado para a inclusão foi que surgiu a ideia de revisar o conteúdo programático da escola e aproveitar as ações, regras e materiais oferecidos por alguns jogos e esportes paraolímpicos, tendo como subsídio a epistemologia das tendências da educação física. Objetivo: Descrever a experiência de um estagiário de Educação Física que através de suas intervenções nas aulas de educação física propôs vivências através de jogos e brincadeiras com base nos jogos paralímpicos. Metodologia: Esse trabalho de natureza qualitativa se configura como um relato de experiência de aulas de Educação Física ministradas para alunos do ensino fundamental de três turmas de 1º ao 3º ano de uma escola particular de Caucaia – Ce, tendo como referencial teórico a abordagem construtivista. Resultados: Foram usados como tema das aulas a corrida paralímpica, vôlei sentado, esgrima de olhos vendados e a bocha adaptada. O material foi confeccionado pelos alunos como, por exemplo, as vendas de tnt, as bolas de papel pintadas e uma pequena adaptação da quadra para corrida paraolímpica. Considerações finais: Durante as aulas que foram tematizadas com jogos paraolímpicos, percebeu-se acontecimentos voltados para inclusão principalmente quando respaldados com as intenções da abordagem à faixa etária e ao ciclo de aprendizagem correspondente, no caso desse estudo o construtivismo. As crianças internalizaram de forma efetiva os conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais vinculados aos preceitos da inclusão.

Palavras-chaves: Inclusão, Educação física escolar, Estratégia Pedagógica.

5 ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA: PANORAMA DAS PESQUISAS SOBRE ESPORTE ADAPTADO

Para tanto, os próximos passos da metodologia dizem respeito à coleta e à análise categorial dos dados. No que concerne à análise, realizamos algumas interrogações aos resumos com base em nossas dúvidas sobre a temática. Assim, pudemos verificar se essas publicações respondem a algumas de nossas perguntas. Nesse sentido, as seguintes questões orientaram a análise: quais são os critérios das práticas pedagógicas adaptadas? Como são feitas as aulas adaptadas? Como ocorre a interação dos alunos com e sem deficiência? As aulas adaptadas favoreceram ao desenvolvimento dos alunos deficientes? Qual metodologia é aplicada para as aulas adaptadas de educação física? Quais dificuldades são encontradas para a aplicação das aulas adaptadas? Quais modalidades esportivas são mais adotadas nas aulas adaptadas? O que diferencia a adaptação da inclusão nas aulas esportivas?

Artigos	Metodologia	Práticas pedagógicas adaptadas	Criatividade nas aulas adaptadas	Interação entre os alunos	Desenvolvimento corporal/motor	Dificuldades na adaptação das aulas	Modalidades esportivas	Adaptação ou inclusão?
1	A metodologia empregada foi uma pesquisa qualitativa tendo como abordagem a observação participante, onde contou com a presença de um aluno com deficiência visual e os encontros das aulas ocorriam duas vezes por semana.	As práticas pedagógicas adaptadas envolviam agilidade e lateralidade, além disso, tinha também pistas táteis, instruções verbais no espaço das aulas, com regras e alguns materiais para auxiliar no desenvolvimento das aulas adaptadas.			O aluno deficiente visual que participou da pesquisa não apresentou nenhum comprometimento físico, mostrando-se motivado durante a realização das atividades, o que fez com que as aulas contribuíssem para o seu desenvolvimento motor, já que as aulas eram diversificadas.			Constatou que a escola estimula a matrícula e a permanência de alunos com deficiência, incentivando a igualdade de oportunidades para todos. Sendo assim, observa-se que a escola pública da Zona da Mata Mineira, onde aconteceu a pesquisa, de fato faz a inclusão dos alunos que apresentam alguma deficiência física.
2	A metodologia adotada na pesquisa foi documental, analisando nove obras cujo autor escolhido para estudar técnicas de adaptação nas aulas de educação física para alunos com síndrome de Down foi Célestin Freinet,	As práticas pedagógicas adaptadas foram retiradas das técnicas propostas pelo autor estudado, tendo como finalidade o processo de inclusão dos alunos para superar as barreiras existentes. Tais práticas pedagógicas foram: aula passeio,	A criatividade nas aulas adaptadas se deu por meio da utilização de aulas de passeio e aulas de canto. A primeira fez com que os alunos tivessem um conhecimento melhor das pessoas que apresentam a síndrome de Down, para terem conhecimento das	A interação entre os alunos ocorreu a partir do momento que uma turma de alunos da escola foi visitar escolas especiais ou locais destinados à prática de atividades para alunos com síndrome de	O desenvolvimento corporal ou motor dos alunos com síndrome de Down se deu por meio das aulas de canto, onde eram exigidos diferentes níveis de esforços motores e intelectuais dos alunos, sendo eles trabalhados em consonância, o que possibilita um melhor rendimento			A pesquisa teve como proposta fomentar a inclusão de alunos com síndrome de Down nas aulas de educação física fazendo a interação entre os alunos com a doença com os demais por meio de encontros, fator este que pode de certo modo favorecer o

	sendo estas obras encontradas na base de dados impressa da Faculdade de Educação Física, e de Educação, da Universidade Estadual de Campinas.	conduzindo uma turma de alunos para as escolas especiais, a fim de mostrar as suas capacidades e transmitir conhecimento sobre as condições da doença síndrome de Down; aulas de canto, desenvolvendo atividades onde exigiam as capacidades cognitivas e motoras dos alunos.	suas capacidades e condições. A segunda atividade teve como criatividade apresentar as capacidades intelectuais e motoras para dar um melhor entendimento.	Down, com a finalidade que esses alunos conheçam as condições da doença e as dificuldades vividas pelas crianças que apresentam a doença, fazendo, assim, que aconteça o processo inclusivo por meio desses encontros.	corporal nos alunos.			processo inclusivo por meio do conhecimento das condições da doença, suas dificuldades e as formas de superar as barreiras existentes para os alunos que apresentam a doença. Sendo assim, a construção do conhecimento sobre a doença pode de fato favorecer para a inclusão desses alunos e a sua efetiva participação nas aulas de educação física.
3	A pesquisa foi realizada por meio do Instrumento de Avaliação da Interação entre alunos com e sem deficiência na educação física escolar, respeitando os preceitos éticos da pesquisa. Sendo observados 21 alunos, 5 com paralisia cerebral,		A criatividade nas aulas teve um caráter de vivência, tendo alguns momentos de competição e cooperação entre os alunos com e sem deficiência.	A interação entre os alunos com e sem deficiência ocorreu em sua maioria, sendo iniciada pelos alunos com deficiência e respondida pelos demais sem deficiência, sendo que as atitudes eram em sua maior parte positivas.		Houve ocorrências não consideradas como positivas, mas não eram vindas de um único aluno, essas ocorrências são oriundas das relações que se estabelecem no ambiente escolar, ou seja, são conflitos que acontecem de	As modalidades esportivas que fizeram parte essencial da pesquisa foram: o jogo com 11 ocorrências; o esporte com 9 ocorrências e a ginástica com apenas 1 aula.	

	6 com baixa visão, 1 com deficiência visual, 3 com deficiência intelectual, 2 com Síndrome de Down, 1 cadeirante, 1 autista, 1 com deficiência múltipla e 1 sem diagnóstico fechado.					diversas formas devido às diferenças entre as pessoas, e não pela sua deficiência.		
4	A metodologia da pesquisa foi qualitativa e exploratória, tendo o procedimento de pesquisa-ação com duas crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a fim de compreender como o cérebro organiza e processa as informações transmitidas pelos sentidos.	As práticas pedagógicas adaptadas tiveram como intervenções atividades físicas e psicomotoras, com o intuito de contribuir para o experimento de diversas sensações para aumentar o repertório motor e sensível das crianças e diminuir os possíveis danos sensoriais para promover a aprendizagem.	As aulas criativas tiveram como intervenções para o desenvolvimento dos alunos aspectos como: Consciência corporal, explorando materiais e atividades psicomotoras, estimulando os sistemas proprioceptivos e vestibular; Contato visual, com atividades psicomotoras e o aspecto com atividades de movimento como rastejar, rolar, gatinhar, pular e correr.		A criatividade nas aulas adaptadas fez com que o desenvolvimento motor dos alunos melhorasse, obtendo, assim, ganhos significativos, tais como: nas intervenções da consciência corporal, constataram-se ganhos na autorregulação, atenção apropriada e controle do comportamento; nas intervenções de contato visual, os alunos gradativamente aumentava o contato visual e nas			As pesquisa teve como finalidade demonstrar os principais aspectos do TEA, por meio de intervenções criativas, bem como evidenciar que os alunos que apresentam a doença podem ser inseridos nas aulas de educação física sem nenhum tipo de obstáculo, através da construção de atividades físicas e psicomotoras.

					intervenções do aspecto psicomotor, ascendeu-se a possibilidade do entendimento do corpo, do espaço e o planejamento motor.			
5	A pesquisa teve como finalidade analisar os recursos pedagógicos adotados pelo professor nas aulas de educação física com um aluno com deficiência visual, por meio de um roteiro de entrevista.	As práticas pedagógicas adaptadas empregadas pelo professor são consideradas como simplistas, não apresentando nenhum tipo de recurso pedagógico adaptado. Contudo, evidencia-se que há por parte do professor um interesse para a inclusão deste aluno, não obstante, falta-lhe capacitação para tal empreendimento.				As dificuldades encontradas nas aulas adaptadas se dão pela falta da capacitação do professor entrevistado, sendo assim, observa-se que os professores de educação física necessitam fazer um curso de capacitação, a fim de atender melhor seus alunos que tenham alguma deficiência física, com a intenção de integrar todos os alunos independente de sua condição física ou mental.		
6	A metodologia adotada na pesquisa foi um			Diante da pouca convivência com a educação		Em relação às dificuldades encontradas nas		Constatou-se que a adaptação ou a inclusão possa não

	estudo de caso, de caráter descritivo, composta por 23 estudantes do ensino médio e a aplicação de um questionário e a observação de dez aulas, para analisar como os alunos veem a educação física adaptada na escola.			física adaptada, a interação entre os alunos, por mais que seja boa, apresenta alguns problemas, uma vez que constatou-se que um aluno mencionou que ninguém da turma precisava da presença da educação física adaptada. Em contrapartida, boa parte dos alunos considera importante a inclusão da educação física adaptada nas aulas de educação física, o que comprova que pode haver sim alunos com alguma deficiência no espaço escolar.		aulas de educação física, observou-se que a educação física adaptada e vista como uma atividade em que todos praticam, no entanto alguns alunos a veem apenas como atividades para cadeirantes ou cegos. Nesse sentido, percebe-se pouca convivência com a educação física adaptada e a escola não apresenta um bom espaço para desenvolver as atividades adaptadas.		estar, totalmente, presente na unidade de ensino, devido ao desconhecimento de alguns alunos sobre a educação física adaptada nas escolas, o que dificulta a inclusão dos alunos deficientes nas aulas de educação física. Outra questão que merece destaque diz respeito à unidade escolar não dever possuir estrutura física para o desenvolvimento das atividades adaptadas, ou ainda pior, não ter uma proposta inclusiva.
7	A metodologia adotada na pesquisa buscou caracterizar os Jogos Cooperativos	As práticas pedagógicas adaptadas adotadas foram duas atividades cooperativas entre	A criatividade nas aulas adaptadas ocorreu por meio da criação de duas atividades cooperativas,					Constatou-se que os Jogos Cooperativos ainda são vistos como uma ferramenta pedagógica

	como uma ferramenta de inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física. Para tanto, os pesquisadores estudaram 120 alunos do ensino fundamental menor, por meio de um questionário, para verificar se a aplicação dos jogos propostos atingiram seus objetivos.	os alunos, durante duas semanas, para poder analisar se os jogos cooperativos, de fato, serviram como ferramenta inclusiva dos alunos deficientes nas aulas de educação física na escola estudada. Contudo, não se observa se houve realmente a inclusão dos alunos, uma vez que só menciona o aproveitamento das atividades cooperativas.	permitindo que os alunos se aproximassem mais delas e aproveitassem ao máximo, porém não há relatos se a aplicação dos Jogos Cooperativos desenvolvesse sumariamente a inclusão e a efetiva participação dos alunos deficientes nas aulas de educação física.					inclusiva ainda um pouco não muito empregada pelos educadores da educação física, fazendo, assim, com que seu processo de inclusão não seja muito efetivo devido à falta de aplicabilidade entre os alunos.
8	O estudo teve como finalidade propor práticas pedagógicas inclusivas para os professores de educação física, a fim de que eles respeitem a individualidade de cada aluno, ou seja, respeitem as diferenças.	No que tange às práticas pedagógicas adaptadas, o estudo apresentou algumas propostas interventivas que podem contribuir para a inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de educação física, as quais estão relacionadas a ter um melhor conhecimento dos alunos deficientes.	Em relação à criatividade nas aulas adaptadas, o estudo apresentou algumas propostas interventivas para fazer com que os professores possam de fato realizar a inclusão dos alunos deficientes nas aulas de educação física. Tais como: o dialogo com aluno para conhecer sua doença melhor; adaptar as regras das atividades ou				No que diz respeito às modalidades esportivas que podem ser adotadas nas aulas de educação física adaptada, o estudo demonstrou que a prática docente pode ter um melhor rendimento se o professor se valer de modalidades esportivas como	

			equipamentos e usar o critério de avaliação para observar as dificuldades dos alunos no processo das atividades.				a tutoria em pares, esportes destinados a pessoas com deficiência como, por exemplo, o <i>goalball</i> .	
9	A metodologia empregada no estudo propôs intervenções nas aulas de educação física com atividades esportivas e brincadeiras tendo como referencial os jogos paraolímpicos, com três turmas do 1º ao 3º ano do ensino fundamental numa escola privada.	As práticas pedagógicas adaptadas utilizadas pelo estudo foram com base nos pressupostos teóricos do Construtivismo, com a finalidade de fazer com que as crianças internalizassem efetivamente os conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais atrelados aos preceitos da inclusão de pessoas com deficiência física nas aulas de educação física.	A criatividade nas aulas adaptadas de educação física proposta pelo estudo se deu por meio de jogos e brincadeiras, tendo como referência os jogos paraolímpicos, com abordagem construtivista para uma melhor aprendizagem dos alunos durante a execução do projeto de intervenção.				Em relação às modalidades esportivas empregadas nas aulas de educação física adaptada, foram utilizados jogos paraolímpicos como a corrida para cegos, o vôlei sentado, esgrima de olhos vendados e a bocha adaptada. Todos os materiais dos jogos foram elaborados pelos próprios alunos.	

5.1 Reflexão sintética sobre os dados

Nesse sentido, ao analisarmos os nove estudos mencionados acima, consideramos que a prática do esporte adaptado no âmbito educacional é um conteúdo capaz de proporcionar avanços não só na parte motora dos alunos com deficiência como também nas demais áreas do desenvolvimento que abarca a educação física escolar, tais como: a cognitiva, a afetiva e a social.

Podemos inferir que a inserção do esporte adaptado tem como fundamento de suma importância na inclusão a democracia. Embora ainda diversas escolas não possuam de fato práticas esportivas que fomentem a inclusão de alunos com deficiência, constatamos na maioria dos estudos analisados que alguns professores de educação física estão agregando em suas aulas práticas esportivas que tenham como respaldo o caráter inclusivo, ou seja, estão incorporando esportes adaptados para que os alunos com deficiência participem das aulas. Estes esportes são: esgrima com vendas, vôlei sentado, corrida com pares, entre outras modalidades esportivas que tenham com intuito a inclusão do aluno deficiente.

Em relação às categorias analisadas, constatamos que houve nove ocorrências da categoria metodologia, ou seja, em todos os resumos estudados esta categoria teve uma ação efetiva, visto que a mesma diz respeito ao método de estudo, sua aplicação e o seu desenvolvimento, adotados pelos pesquisadores durante a execução de suas pesquisas sobre a prática do esporte adaptado nas escolas regulares de ensino. Dessa forma, foi observado que as metodologias empregadas subsidiaram as expectativas e as propostas adotadas pelos pesquisadores sobre a influência que o esporte adaptado pode causar no desenvolvimento motor e intelectual de um aluno deficiente.

Por sua vez, a categoria das práticas pedagógicas adaptadas apresentou sete ocorrências entre os textos estudados, configurando, assim, como uma ferramenta educacional de extrema relevância para desenvolver atividades físicas para estudantes que tenham deficiência física, já que a escolha da melhor prática pedagógica que atenda a uma dada necessidade motora ou cognitiva de um aluno deficiente pode contribuir para o melhoramento de suas ações e aptidões físicas.

Por outro lado, a categoria criatividade nas aulas adaptadas tiveram seis ocorrências entre os nove resumos analisados, mostrando, assim, que ainda existe professores de educação física que precisam se qualificar no que tange a inserir em suas aulas esportivas práticas que visem à inclusão de alunos com deficiência. Desse modo, buscar novas ferramentas como apoio pedagógico pode favorecer para que os tais educadores possam empregar novos

paradigmas de aprendizagem que de fato promova a participação dos alunos deficientes nas aulas de educação física.

Um fato que nos chamou a atenção na análise dos dados coletados diz respeito às categorias interação entre os alunos e dificuldades na adaptação das aulas, uma vez que a primeira teve apenas três ocorrências e a segunda somente duas. O que pôde ser observado é que em dois textos a interação entre os alunos foram positivas, sendo que em um texto houve problemas devido à falta de convivência entre alunos com e sem deficiência, fator que poderia ser superado se os professores buscassem práticas mais democráticas fazendo, assim, acontecer participação de todos sem a presença de aversão. Já as dificuldades na adaptação das aulas se deram por falta de capacitação e qualificação dos professores que tentaram realizar atividades esportivas adaptadas para alunos com deficiência, revelando que ainda há educadores que precisam se enquadrar a atual realidade educacional, a qual implica na inclusão de alunos com deficiência em todos os níveis e âmbitos educacionais.

Em relação à categoria modalidades esportivas apenas três trabalhos apresentaram esportes adaptados distintos do que já existem nas escolas, isso nos mostra que poucos educadores estavam preocupados em diversificar as modalidades esportivas adaptadas desenvolvidas para alunos com deficiência, o que atesta a falta de preparo das aulas por parte desses professores ou a falta de qualificação profissional dos mesmos. No mesmo contexto, a categoria desenvolvimento corporal/motor obteve o mesmo resultado, ou seja, três trabalhos foram elaborados preocupados com o melhoramento do desenvolvimento motor dos discentes deficientes por parte dos docentes, comprovando mais uma vez a falta de qualificação profissional e de preparo das aulas para poder atender melhor esses alunos que precisam de um olhar mais delicado e especial.

Por fim, a categoria adaptação ou inclusão apresentou cinco ocorrências, evidenciando que uma boa parcela dos educadores de educação física está realmente preocupada em inserir em suas práticas pedagógicas mecanismos que levem a inclusão de alunos com deficiência nas aulas escolares de educação física. Este fator deixa claro que ainda há muito que ser melhorado, tanto os ambientes educacionais quanto os professores precisam se qualificar melhor para poder dar o atendimento desejado para esses alunos que precisam de mais atenção porque somente assim a inclusão desses alunos de fato acontecerá.

Por conseguinte, ao pensarmos sobre a relevância da prática esportiva adaptada nas aulas de educação física para atender os alunos com deficiências, observamos por meio da análise dos dados do presente estudo, o quão ela deve ser valorizada e oportunizada aos discentes da rede regular de ensino, uma vez que a partir da prática esportiva esses alunos

deficientes irão se sentir mais inseridos não só nas aulas de educação física como também socialmente, já que as experiências vivenciadas irão fazer com que eles tenham mais segurança e autonomia para viver em sociedade, estimulando tanto os aspectos motores quanto o cognitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude de tudo que foi exposto acima em relação à inclusão de alunos com deficiência física nas aulas de educação física, observamos que nas últimas décadas diversas medidas foram tomadas no que diz respeito às políticas nacionais de educação básica, almejando, assim, avanços expressivos na educação inclusiva. Essas medidas procuram dar condições às escolas de prestar um atendimento com mais qualidade e equidade para os alunos com deficiência, implicando, concomitantemente, em outros aspectos tais como: o projeto político-pedagógico, a estrutura da escola e a capacitação de professores.

Dessa maneira, objetivamos conhecer as abordagens sobre o assunto mediante a identificação de padrões científicos que orientem a construção de diferentes conjuntos categoriais, com o intuito de selecionar as produções acadêmicas tendo como base metodológica seu conteúdo conceitual, bem como seus temas periféricos associados à matéria principal deste trabalho. Para tanto, pretendeu-se os seguintes objetivos: a) refletir sobre a relevância do presente estudo; b) realizar uma revisão teórico-conceitual sobre o esporte adaptado e o trabalho da educação física escolar visando categorias de análise; c) construir uma metodologia de estudo bibliográfico envolvendo seleção de fontes e coleta e análise dos dados; d) analisar os textos segundo as categorias apresentadas sobre o esporte adaptado no ambiente escolar; e) discutir os dados analisados em termos de produzir um olhar sintético da realidade bibliográfica em pauta.

Com base na pesquisa realizada, constatamos que os resultados desejados foram atingidos. Na coleta dos dados sobre a inclusão de alunos com deficiência física nas aulas de educação física no ambiente escolar, percebemos que alguns professores estão inserindo, gradativamente, o esporte adaptado, em suas diversas modalidades esportivas, a fim de que a inclusão dos alunos deficientes de fato aconteça de modo mais efetivo e com qualidade.

Sendo assim, diante da observação do processo de reorganização da educação tendo como ponto de vista uma educação inclusiva, buscou-se, nesta pesquisa, entender como a disciplina escolar de educação física vem sendo dada no atendimento de alunos com deficiência física, no sentido de averiguar como são transmitidas as práticas esportivas enquanto conteúdo escolar.

Dessa maneira, constatou-se em alguns achados apresentados que a presença de alunos que tem deficiência física nas aulas de educação física acarretou situações nas quais, independentemente do nível de compromisso que eles apresentassem, o professor de educação

física não se via em condições de atendê-los devido à falta de estrutura do ambiente escolar ou a falta de capacitação dos professores. No entanto, contemplamos que ocorreram alguns avanços, nos últimos anos, rumo a uma educação física inclusiva, embora haja uma necessidade de promover práticas pedagógicas que contribuam para experiências capazes de aumentar o repertório motor desses alunos, no que se diz respeito ao esporte como conteúdo pedagógico.

Nesse contexto, vale destacar que tais práticas esportivas adaptadas nas aulas de educação física irão proporcionar nos alunos com deficiência vivenciar as mesmas experiências que os demais alunos, fazendo com que os alunos com deficiência não fiquem limitados e não comprometa a sua participação efetiva nas aulas de educação física. Com isso, o professor, no decorrer das suas atividades, caso algum aluno não tenha êxito nas vivências das aulas, poderá refletir junto com o aluno se ele de fato se esforçou ou não ou como poderia fazer. Isso acaba refletindo na formação do aluno e isso repercutirá em outros momentos da sua vida, fato este que se configura como um aspecto que reforça a relevância do esporte para todos no cotidiano escolar.

Por conseguinte, é de suma importância que o professor se identifique como um mediador fundamental no processo da educação inclusiva, sendo assim, as suas intervenções pedagógicas devem ser voltadas para tal finalidade. Por sua vez, o aluno com deficiência física irá valorizar as práticas esportivas no momento em que perceber que as mesmas não visam somente o gesto técnico, mas também apresentam outros benefícios que serão indispensáveis para ele em diversos momentos de sua vida.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião de; DUARTE, Édison. Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 11, n. 2, maio-ago. 2005.

ALLAIN, Luciana Resende. **Professor intelectual ou prático?** Um ensaio sobre as (novas) identidades do docente. Disponível em:
<http://www.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELETR20061103082338.pdf>. Acesso em: 12 de março de 2018.

AMERICAN ASSOCIATION FOR ACTIVE LIFESTYLES AND FITNESS (AAALF). **A position statement on including students with disabilities in physical education**. 2004. Disponível em:
<http://docs.google.com/gview?a=v&q=cache:6U_tY6bScxIJ:www.aahperd.org/aapar/pdf_files/pos_papers/inclusion_position.pdf+A+position+statement+on+including+students+with+disabilities+in+physical+education&hl=pt-BR&gl=br&sig=AFQjCNGFb1j7FCTtg3obaKRgtZQuIuI95Q>. Acesso em: 10 maio de 2018.

ARAÚJO, P. F. **A educação física para pessoas portadoras de deficiências nas instituições especializadas de Campinas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola** – de alunos com necessidades educacionais especiais. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

BRACHT, V. et al. A prática pedagógica em educação física: a mudança a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 9-29, 2002.

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. Educação física no 1.º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, sup. 2, p. 23-28, 1996.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**, Porto Alegre, ano VI, n. 12, p. XIV-XXIV, 2000.

BRASIL: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Sala de Recursos Multifuncionais: espaços para o Atendimento Educacional Especializado**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

_____. Conselho Federal de Educação. **Resolução n. 3, de 16 de junho de 1987**. Brasília, 1987.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais – adaptações curriculares: estratégias de ensino para educação de alunos com necessidades**

educacionais especiais. Secretaria de Educação Fundamental/ Secretaria de Educação Especial. Brasília, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental. 3º e 4º ciclo (5ª à 8ª série). Brasília, MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Márcia Zendron de. **A prática nos cursos de licenciatura:** reestruturação curricular da formação inicial. 2006. 160 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola:** a educação física como componente curricular. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

CHICON, José Francisco. **Inclusão na educação física escolar:** construindo caminhos. 2005. 426 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CIDADE, R.E.; FREITAS, P.S. **Noções sobre educação física e esporte para pessoas portadoras de deficiência.** Uberlândia, 1997.

CRUZ, Gilmar de Carvalho. **Formação continuada de professores de educação física em ambiente escolar inclusivo.** 2005. 229 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CRUZ, G.C.; PIMENTEL, E.S.; BASSO, L. **A formação profissional do professor de Educação Física diante das necessidades educativas especiais de pessoas portadoras de paralisia cerebral.** SEED/MEC: Revista integração. Edição especial, p. 39-41, 2002.

DAÓLIO, J. **Educação física brasileira:** Autores e atores da década de 1980. Campinas: Papirus, 1998.

EDLER CARVALHO, R. **Temas em Educação Especial.** Rio de Janeiro: WVA Ed., 1998.

FIGUEIREDO, Zenólia C. Campos. Formação docente em educação física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, p. 89-111, jan./abr. 2004.

FREITAS, Soraia Napoleão. A formação de professores na educação inclusiva: construindo a base de todo o processo. In: RODRIGUES, David (Org.). **Inclusão e educação:** doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006. p. 161-181.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. Quais os rumos da educação física? In: KUNZ, Elenor; HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner (Orgs.). **Intercâmbios científicos internacionais em educação física e esportes.** Ijuí: Editora Unijuí, 2004. p. 71-83.

KUNZ, E. A relação teoria/prática no ensino/pesquisa de educação física. **Motrivivência: Educação Física, Teoria & Prática**, v. 1, n. 8, p. 46-54, 1995.

_____. **Transformações didático-pedagógicas do esporte**. Ijuí: Editora Unijuí, 1994.

MALDANER, Otavio Aloísio; SCHNETZLER, Roseli Pacheco. A necessária conjugação da pesquisa e do ensino na formação de professores e professoras. In: ATTICO, Chassot; OLIVEIRA, Renato José (Orgs.). **Ciência, ética e cultura na educação**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1998. p. 195-214.

MANOEL, Edison de Jesus; TANI, Go. Preparação profissional em educação física e esporte: passado, presente e desafios para o futuro. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 13, p. 13-19, dez. 1999.

MAUERBERG-DECASTRO, Eliane. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.

_____. Adapted physical activity in Brazil: history, theoretical foundations, and professional action. **Journal of the Brazilian Society of Adapted Motor Activity**, Rio Claro, v. 12, n. 1. Suplemento, p. 64-73, dez. 2007.

MELLO, Maria Aparecida. Educação física, desempenho escolar e vida. In: PALHARES, Marina Silveira (Org.). **Escola inclusiva**. São Carlos: EdUFSCar, 2002. p. 207-224.

MUNSTER, Mey de Abreu van; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. Um olhar sobre a inclusão de pessoas com deficiência em programas de atividade motora: do espelho ao caleidoscópio. In: RODRIGUES, David (Org.). **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 81-91.

PEDRINELLI, V.J. Educação Física Adaptada: conceituação e terminologia. In: **Educação Física e Desporto para Pessoas Portadoras de Deficiência**. Brasília: MEC-SEDES, SESI-DN, 1994, p. 7-10.

PEREZ GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do professor – a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 93-114.

RODRIGUES, David. As promessas e as realidades da inclusão de alunos com necessidades especiais nas aulas de educação física. In: _____ (Org.). **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 63-69.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PRIETO, Rosângela Gavioli. Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: ARANTES, Valéria Amorin (Org.). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006. p. 31-73.

RODRIGUES, David. As promessas e as realidades da inclusão de alunos com necessidades especiais nas aulas de educação física. In: _____ (Org.). **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 63-69.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em Administração**: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações de estudo de caso. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTIN, S. Educação Física e Esportes no Ensino de 3º grau: perspectiva filosóficas e antropológicas. In: PASSOS, S. et al. **Educação Física e Esportes na Universidade**. Brasília: SEED/MEC, 1998 p. 51-74.

SANTOS, Lucíola L. C. P. Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa. In: ANDRÉ, Marli (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papyrus, 2001. p. 11-25.

SCHIRMER, C. R.; BROWNING, N.; BERSCH, R.; MACHADO, R. **Atendimento Educacional Especializado**: deficiência física. Ministério da Educação, 2007.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 77-91.

SHERIL, Claudine. **Adapted physical activity, recreation and sport** – crossdisciplinary and lifespan. 4. ed. Madison, USA: WCB Brown & Benchmark Publishers, 1993.

TAVARES, M.C.G.C.F. **Imagem corporal**: conceito e desenvolvimento. Barueri: Manole, 2003.

TUBINO, Manoel José Gomes. Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Educação física e esportes**: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papyrus, 1992. p. 125-139.

WINNICK, Joseph P. **Educação física e esportes adaptados**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2004.

XAVIER, Alexandre Guedes Pereira. Ética, técnica e política: a competência docente na proposta inclusiva. **Revista Integração**, Brasília, ano 14, n. 24, p. 18-21, 2002.

ZEICHNER, Ken. Novos caminhos para o practicum: uma perspectiva para os anos 90. In: NÓVOA, António (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 115-138.

ZULIAN, Margaret Simone; FREITAS, Soraia Napoleão. Formação de professores na educação inclusiva: aprendendo a viver, criar, pensar e ensinar de outro modo. **Caderno de Educação Especial**, Santa Maria, v. 2, n. 18, 2001.